



Universidade de Aveiro
2022

HUANG
GUANYING

Os Armários Vazios, de Maria Judite de Carvalho, e
Ban Sheng Yuan (Amor de meia-vida), de Eileen
Chang



Universidade de Aveiro
2022

**HUANG
GUANYING**

***Os Armários Vazios*, de Maria Judite de Carvalho, e
Ban Sheng Yuan (Amor de meia-vida), de Eileen
Chang**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Português Língua Estrangeira/Língua Segunda, realizada sob a orientação científica do Doutor António Manuel Ferreira, Professor Associado com Agregação do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

Dedico este trabalho aos meus pais pelo incansável apoio.

o júri

presidente

Professor Doutor Carlos Manuel Ferreira Morais (Presidente)
Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro

Professora Doutora Mo Guo (arguente)
Assistant Professora da Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau

Professor Doutor António Manuel Ferreira (orientador)
Professor Associado com Agregação da Universidade de Aveiro

agradecimentos

Quero exprimir a minha gratidão ao Doutor António Manuel Ferreira, que me ajudou a elaborar e corrigir a dissertação, com paciência, mesmo em condições adversas.

Agradeço aos meus pais por me ajudarem financeiramente.

palavras-chave

Literatura feminina, literatura comparada sino-portuguesa, Maria Judite de Carvalho, Eileen Chang, feminino, sociedade.

resumo

Esta dissertação compara e analisa a obra *Os Armários Vazios*, da escritora portuguesa Maria Judite de Carvalho, publicada em 1966, e o romance *Ban Sheng Yuan (Amor de meia-vida)*, da escritora chinesa Eileen Chang, publicado igualmente em 1966. Este trabalho ajudará a comparar o ambiente social e o desenvolvimento histórico da China e de Portugal na época, bem como contribuirá para analisar as semelhanças e diferenças de consciência e condição das mulheres nos dois países.

keywords

Women's literature, Sino-Portuguese comparative literature, Maria Judite de Carvalho, Eileen Chang, feminine, society.

abstract

This dissertation will compare and analyze the romance *Empty wardrobes*, by the Portuguese writer Maria Judite de Carvalho, published in 1966, and the novel *Ban Sheng Yuan (Half a lifelong romance)*, by the Chinese writer Eileen Chang, also published in 1966. This work will help to compare the social environment and historical development of China and Portugal at the time, as well as analyze the similarities and differences in the consciousness and condition of women in the two countries at that time.

Índice

1. Introdução	3
2. <i>Os Armários Vazios</i>, de Maria Judite de Carvalho, e <i>Ban Sheng Yuan</i>, de Eileen Chang: imagens das mulheres numa sociedade dominada por homens	4
2.1. Resumo de <i>Os Armários Vazios</i>	4
2.2. Resumo de <i>Ban Sheng Yuan</i>	6
2.3. Interpretação comparativa das mulheres nos dois livros	8
2.3.1. Manzhen e Lisa: mulheres com espíritos distintos numa sociedade patriarcal	8
2.3.2. Manlu e Manuela: mulheres fortes que sofreram por amor	15
2.3.3. Dora e Cuizhi: mulheres como vítimas da sociedade patriarcal e da velha ética	23
3. As razões da tragédia das mulheres nos dois livros e as condições das mulheres da China e de Portugal na época	34
3.1. As restrições sobre as mulheres numa sociedade fechada e patriarcal	35
3.1.1. A sociedade patriarcal levava a que as mulheres não tivessem “ego”	35
3.1.2. A pressão mental e as restrições da liberdade impostas às mulheres numa sociedade fechada	38
3.2. Os fatores familiares que levam à tragédia das mulheres e as semelhanças e diferenças entre a China e Portugal nas situações das mulheres na família	40
3.2.1. A influência da família nas mulheres. Falta de expressão emocional da sociedade antiga	40
3.2.2. A importância do papel do "pai" numa família	41
3.2.3. Diferenças no conceito de casamento entre a China e Portugal	42
4. <i>Os Armários Vazios</i>, de Maria Judite de Carvalho, e <i>Ban Sheng Yuan</i>, de Eileen Chang: valores culturais refletidos na literatura feminina do Século XX	45
4.1 O despertar da consciência feminina	45

4.2 O Movimento de Libertação Feminina refletido na literatura feminina	46
Bibliografia	49

1. Introdução

No século XX, com o desenvolvimento da sociedade e o despertar da consciência feminina, as obras literárias femininas apareceram cada vez mais na literatura mundial e tornaram-se um ramo importante e indispensável da literatura. Seja em Portugal ou na China, muitas escritoras excelentes surgiram durante esse período e as obras delas refletem muito o ambiente social e a situação e pensamento das mulheres da época.

Maria Judite de Carvalho (1921 – 1998) é uma excelente escritora portuguesa. Esta dissertação opta por analisar a sua obra *Os Armários Vazios* e o romance *Ban Sheng Yuan* (*Amor de meia-vida*), que é uma das grandes obras de Eileen Chang (1920 – 1995), importante escritora na história da literatura chinesa. Hoje em dia, estas duas escritoras são muito estudadas nos respetivos países, mas ainda não há estudos de comparação entre elas e as suas obras. As duas obras são da mesma época e têm temas semelhantes.

O romance *Os Armários Vazios* conta a história de uma viúva, Dora, e de sua filha, sua amiga Manuela, e os outros, retratando a situação de várias mulheres na sociedade portuguesa da época. *Ban Sheng Yuan*, anteriormente conhecido como *Shi Ba Chun*, conta a tragédia amorosa de vários jovens chineses no século XX. As descrições das mulheres como Manzhen, Manlu e Cuizhi no livro são delicadas e vívidas. Esta dissertação irá interpretar estas duas obras a partir da perspetiva das mulheres, comparar e analisar as imagens de várias mulheres nos livros e, como resultado, obteremos os retratos das mulheres daquela época refletidos nelas; entenderemos a vida e a situação das mulheres naquele tempo, bem como as condições sociais e as semelhanças e diferenças entre as mulheres e a sociedade dos dois países na época.

Além disso, a dissertação também tomará esses dois livros como exemplos para analisar a literatura feminina do século XX e os valores culturais neles contidos, analisar a situação das mulheres no meio social dos dois países no século XX, e as opiniões e reflexões das autoras sobre esta situação, a fim de aprofundar a compreensão do valor artístico destas duas obras e, assim, terá um significado prático e esclarecedor. Este trabalho ajudará a comparar o ambiente social e o desenvolvimento histórico da China e de Portugal na época, bem como analisar as semelhanças e diferenças de consciência e condição das mulheres nos dois países naquele período. Além disso, esta dissertação será importante para a integração da cultura sino-portuguesa e para o desenvolvimento da literatura comparada sino-portuguesa.

2. *Os Armários Vazios*, de Maria Judite de Carvalho, e *Ban Sheng Yuan*, de Eileen Chang: imagens das mulheres numa sociedade dominada por homens

2.1. Resumo de *Os Armários Vazios*

A história descrita no romance *Os Armários Vazios* é contada na perspetiva da primeira pessoa da Senhora Manuela, mas o que ela conta principalmente não é sua própria história, mas a de sua amiga Dora Rosário, que era viúva e tinha uma filha que se chamava Lisa.

Dora casou-se jovem, sua filha Lisa nasceu quando ela tinha dezanove anos. O marido de Dora é Duarte Rosário, que estudou engenharia, mas abandonou o curso porque não tinha vocação. Ele trabalhava como manga-de-alpaca¹ numa empresa de sabões e ganhava muito pouco; apesar disso, não deixava Dora trabalhar. Então eles eram pobres. Ainda assim, Dora amava-o muito.

Duarte morreu de doença quando Lisa tinha sete anos. Depois que seu marido morreu, Dora caiu na miséria. Ela não tinha economias nem seguro de vida. Pediu dinheiro emprestado a muitos amigos, mas quase todos a rejeitaram. Tem poucas habilidades, então não consegue encontrar um emprego. Sua sogra Ana estava disposta a sustentar Lisa, mas não ela, então Dora acabou por deixar Lisa com a avó. Depois, sua amiga Gabriela apresentou-a a um emprego numa casa de antiguidades. Lisa voltou a viver com Dora depois que esta começou a trabalhar. Nos dez anos seguintes, elas viveram uma vida sem muita dificuldade. Dora envelheceu um pouco nos dez anos, e a filha Lisa tornou-se uma mulher graciosa e bonita.

Dora continuou a trabalhar na loja e continuou a parecer deselegante, ela nunca cuidou da sua aparência. Manuela diz que parecia uma religiosa sem hábito, porque usava saias pretas amplas e compridas e sapatos pretos de salto raso todos os dias. Ela não se importa com as outras pessoas porque fica a pensar no seu marido o tempo todo.

Tudo mudou na festa de aniversário de dezassete anos de Lisa. Ela leu o diário da filha e descobriu que a filha pensava que ela era uma pessoa sem idade e sem solução.

¹ Manga-de-alpaca: funcionário público, em especial o amanuense.

Na noite que se seguiu ao aniversário de Lisa, a sogra Ana disse-lhe algo que a mudou completamente. Ana disse-lhe que pouco antes de adoecer, o Duarte pensava em separar-se dela para ir viver com outra mulher. Dora estava mais triste do que no dia em que seu marido morreu, e até desejou que sua sogra morresse antes que ela lhe contasse. Dois dias depois do aniversário de Lisa, Dora foi comprar roupas novas, maquiagem e perfume. Ela começou a se vestir bem e foi ao cabeleireiro fazer um novo penteado. Manuela descobriu que o gosto de Dora era realmente muito bom.

Quanto a Lisa, ela era uma menina muito inteligente, dotada de um espírito crítico e observador. Conhece-se muito bem, portanto, quer ser uma hospedeira do ar, porque é uma carreira que não implica gestos diariamente repetidos. Ela quer ser livre, viajar e conhecer o mundo, desfrutar de uma vida encantadora. Não está preparada para a Universidade, mas está preparada para aprender idiomas (inglês e alemão), para ajudar na sua carreira. Há um jovem que se chamava Jaime, interessado nela, mas ela não gostava dele porque o achava um rapaz aborrecido.

No entanto, não acabou por ser uma hospedeira do ar, porque decidiu aceitar o namoro de Ernesto Laje e se casar com ele. Dora não queria que a filha se casasse com esse homem, tentou persuadi-la, pois ele tinha idade para ser pai de Lisa e, além disso, ele viveu muitos anos com Manuela, que era como se fosse sua mulher. Mas Lisa acreditou nas palavras de Ernesto, estava convencida de que viver com Manuela era apenas um erro da juventude dele. Achava que Ernesto era um homem bonito, rico e ativo, diferente do seu pai, que era pobre e preguiçoso.

O romance também descreve a sogra de Dora, que era uma mulher muito forte, acostumada a fazer o que queria. Ela queria que o seu filho tivesse um bom futuro, mas finalmente descobriu que ele era incompetente e não era um homem para vir a ganhar bem. E a tia Júlia, que não era casada. Júlia teve um amante e com ele teve um filho, o amante dela foi embora e o filho morreu aos dois anos. Manuela comenta que, felizmente, o seu filho morreu muito jovem. Embora não seja uma coisa muito bonita de se dizer, claramente uma mãe solteira em Portugal naquela época (década de 1960) não teria uma vida fácil. Quanto a Manuela, narradora desta história, ela deixou o marido por Ernesto, mas Ernesto nunca a pediu em casamento. Ernesto era regularmente desleal e a deixaria quando alguém melhor aparecesse. Em comparação com as mulheres, os homens retratados neste romance são desagradáveis, alguns deles são egoístas, outros são inúteis.

2.2. Resumo de *Ban Sheng Yuan*

Diferente do romance *Os Armários Vazios*, a história descrita no livro *Ban Sheng Yuan* é contada através da perspectiva de terceira pessoa. Este livro descreve principalmente a história de amor entre Gu Manzhen e Shen Shijun, a história aconteceu em Xangai e Nanquim durante a República da China. Os dois conheceram-se por causa do Xu Shuhui, um amigo de Shijun, que trabalhava no escritório de Manzhen. A família de Shijun é rica e grande em Nanquim, e por isso sua família quer que ele se case com a senhorita Shi Cuizhi, que também é rica. Manzhen mora em Xangai e sua família é muito pobre.

Antes de Manzhen se formar na universidade e começar a trabalhar, sua irmã Manlu trabalhava como *dancing girl*² para sustentar a família. Por esta razão, Manlu desistiu de se casar com seu primo Zhang Yujin³. Manzhen e Shijun conheceram-se no trabalho, apaixonaram-se e ficaram noivos. Um dia, Shijun levou Manzhen e Shuhui a Nanquim para conhecer a sua família. Shuhui conheceu Cuizhi desta vez, e os dois se apaixonaram. Contudo, como a família de Shuhui era muito pobre, os dois não ousaram expressar o seu amor um pelo outro, porque a família de Cuizhi não concordaria que ela se casasse com Shuhui. Nesta época, Cuizhi já havia firmado um contrato de casamento com outra pessoa e, por se apaixonar por Shuhui, arrependeu-se, mas a sua família não sabia o motivo.

Mais tarde, Manlu casou-se com Zhu Hongcai, sua cliente quando era prostituta. A personagem de Hongcai é muito ruim, ele é um empresário e tem uma outra esposa na sua terra natal⁴. Depois, Zhang Yujin apaixonou-se por Manzhen, mas Manzhen rejeitou-o. Entretanto, Manzhen e Shijun tiveram um mal-entendido por causa desse

² No início do século 20, muitos salões de baile surgiram em Xangai para os ricos se divertirem. Como as mulheres estavam menos presentes em tais lugares naquela época, para atender às necessidades de dança dos homens, surgiram mulheres com carreira como "*dancing girl*". No início, a maioria delas eram mulheres da Europa Ocidental e da Rússia. Mais tarde, muitas mulheres chinesas também se juntaram. As *dancing girls* também eram uma espécie de prostitutas naquela época.

³ Naquela época *dancing girl* era uma profissão vergonhosa, e as famílias sérias não aceitavam mulheres que faziam esse tipo de trabalho como esposas.

⁴ Durante a República da China, embora a lei proibisse a bigamia, muitas pessoas ricas não cumpriam essa lei. Casar-se com muitas esposas era um fenómeno comum na classe alta da China naquela época.

incidente.

Depois que Manlu e Hongcai se casaram, Hongcai teve sucesso nos negócios, ganhou muito dinheiro e tornou-se um homem rico, mas lentamente tornou-se indiferente a Manlu. Ele tratou Manlu muito mal, fazia muito tempo que não voltava para casa, passava o tempo lá fora com outras mulheres e, quando voltava, brigava com Manlu e quebrava coisas na casa. Man Lu sabia que seu marido Hongcai cobiçou sua irmã Manzhen por muito tempo. A fim de manter o coração de seu marido, Manlu conspirou com Hongcai para estuprar Manzhen e aprisioná-la até Manzhen ficar grávida e dar à luz uma criança. A mãe de Manzhen e Manlu é estúpida e não tem opinião. Naquela época, ela estava à mercê de Manlu e mudou sua família para longe para que Shijun não pudesse contactá-los, a fim de encobrir a verdade de que Manlu e seu marido prejudicaram Manzhen juntos.

Shijun tentou muito encontrar Manzhen, mas foi enganado por Manlu, e pensou que Manzhen havia se casado com Zhang Yujin. Shen Shijun finalmente se casou com Cuizhi por sugestão de sua família. Na noite de núpcias, os dois sabiam que não se amavam, mas não podiam voltar atrás. Depois disso, Xu Shuhui foi estudar nos Estados Unidos.

A esposa de Zhu Hongcai da sua terra natal faleceu e deixou uma filha que foi enviada para Xangai. Manlu criou-a e o filho que Manzhen deu à luz. Manlu faleceu mais tarde. Após a morte de Manlu, Hongcai deixou de cuidar dos filhos. Portanto, a filha de sua ex-esposa morreu de doença, e o filho de Manzhen também contraiu uma doença infecciosa. Para cuidar do seu filho, Manzhen fez a escolha errada - casou-se com Hongcai, que o estuprou. Hongcai era o mesmo de quando se casou com Manlu. Após o casamento, ele mudou de rosto, tratou Manzhen mal e teve outra mulher.

Manzhen pediu muito dinheiro para fazer o pleito de custódia no tribunal e finalmente ganhou a custódia do seu filho após o divórcio.

Depois que Xu Shuhui retornou à China, ele entrou em contacto com Manzhen. Shijun e Manzhen finalmente encontram-se por acaso na casa de Shuhui. Shuhui também encontrou Cuizhi na casa de Shijun. No final da história, Manzhen e Shijun contaram um ao outro o que aconteceu depois que se separaram e descobriram que ainda se amam, estavam cheios de emoção. No entanto, ambos sabiam que não podiam voltar ao passado. Manzhen disse: “Shijun, não podemos voltar”. As duas pobres pessoas reencontram-se após o desastre, mas apenas para a despedida. Shuhui e Cuizhi também conversaram por um longo tempo, ambos

sabiam o que faltava nos seus corações, mas não o conseguiam recuperar.

2.3. Interpretação comparativa das mulheres nos dois livros

2.3.1. Manzhén e Lisa: mulheres com espíritos distintos numa sociedade patriarcal

No início, Lisa era uma menina com personalidade especial e tinha muitas ideias e opiniões próprias. Ela ansiava por uma vida livre e tinha seu próprio sonho: ser uma hospedeira do ar. Na idade em que a maioria das meninas desejam ser as heroínas dos contos infantis, ela até as menosprezava nas histórias contadas por sua mãe, e elogiava a beleza e capacidade das bruxas. No livro, sua mãe pensava assim: “Lisa, porém, era dotada de um espírito crítico e observador, que mal havia nisso? (Carvalho, 2011, p.43).

Esta opinião de Dora surgiu depois de ver o diário da filha uma vez. Além das visões diferentes sobre os contos infantis, o diário também mostrou uma desaprovação do modo de vida da sua mãe, o que levou Dora a “querer dar um tapa nela” depois de lê-lo. Os diários eram assim:

Quando eu era pequena, a mãe inventava para mim histórias que nunca me deixavam serena nem saciada, porque eram sempre ao contrário do que deviam, e acabavam mal na sua maioria. Nessas histórias as bruxas eram sempre bonitas e hábeis e as meninas pobres, pobres e feias, desastradas, sem solução. Chegavam mesmo, embora raramente, a ser más, e tudo isso complicava atrozmente as coisas. O que era acabar bem? E mal? A mãe, no entanto, era feliz nesse tempo. Ou já teria morrido o pai? Não consigo lembrar-me ao certo. De resto, não é desastrada e não deve ter sido feia, no seu tempo, embora tenha olhos sem solução. Olhos sem solução e corpo de mulher. Ou não terá? (Carvalho, 2011, p.43)

Depois de crescer, as visões de Lisa sobre o casamento e o amor também são muito maduras, o que é muito diferente das meninas da mesma idade. Quando a sua mãe perguntou sobre a sua atitude acerca do rapaz que gostava dela, ela não se apaixonou como uma adolescente normal, mas estava muito calma e sóbria:

[...] Lisa, porém, sossegou-a. Riu um pouco, encolheu os ombros. "Não, está descansada. Gosto que ele goste de mim, é tudo. Ainda me sinto muito nova para criar problemas. Quero divertir-me." Ficou um momento pensativa e depois declarou: "Sabes, mãe, creio que nós, a gente nova de agora, temos uma coisa que vos faltou. Sabemos que é preciso aproveitar o tempo. Vocês..." Dora perguntou-lhe: "Mas o que sabes tu de nós?"

"Calculo. Nós sabemos que a juventude é curta e tem de ser aproveitada porque aos trinta anos tudo acabou. E aproveitada da melhor maneira. Pensando no futuro, talvez. É importante, o futuro."

"Pensarás de maneira diferente quando os tiveres", disse Dora, que não ouvira as últimas palavras de Lisa. "Hás-de adiar o fim para os quarenta, depois para os cinquenta. E assim nunca te sentirás velha."

"Pensas assim, tu?"

"Oh, eu..."

"Mas a juventude, onde está?", prosseguiu Lisa. "Perdeu-se, de qualquer maneira. Então... Tu, por exemplo.... Rejuvenesceste, muito bem. Mas o que aproveitaste da vida? Até agora, quero dizer..."

Era uma pergunta difícil para aquele dia. Dora Rosário, porém, dominou-se, conseguiu responder aquilo que teria respondido antes da conversa noturna com a sogra: "Fui feliz com o teu pai."

Lisa duvidou gentilmente: "Sim, talvez. Mas achas que basta para a vida de uma pessoa oito ou dez anos de felicidade, se assim lhe queres chamar? E o que veio depois? As dificuldades, tudo isso? A vida tem de ser toda aproveitada, é o que nós sabemos. Só me quero apaixonar por quem eu quiser. Por alguém que me garanta segurança, compreendes?"

Dora Rosário disse: "Os rapazes da tua idade nunca podem fazê-lo, a não ser muito excecionalmente, e Lisa assegurou com ar sonhador e um tanto sibilino: "Por isso mesmo." (Carvalho, 2011, pp.65-66)

Portanto, depois dessa conversa, Dora descobriu finalmente que a filha era especial. Encontrou sua filha a "conhecer a vida antes de a ter vivido, liberta de todos os espantos antes de se ter espantado". Além disso, também podemos saber a razão pela qual Lisa quer ser uma hospedeira do ar no parágrafo posterior:

As raras conversas a sério que tivera com Lisa haviam-lhe deixado sempre, como aquela, um travo na boca. A filha parecia conhecer a vida antes de a ter vivido, parecia liberta

de todos os espantos antes de se ter espantado. Tudo era para ela natural, porque dir-se-ia que meditara sobre todos os assuntos e tinha acerca deles uma opinião formada. De resto, era assim em tudo. No colégio ia sempre para o quadro de honra e as professoras elogiavam-na muito. Lisa, porém, estudava sem entusiasmo, embora fosse conscienciosa. Nos últimos anos, quando lhe perguntavam que curso queria seguir, ficava sempre pensativa, não sabia muito bem. Ainda tinha tempo, muito tempo. Talvez se sentisse tentada por uma vida ativa: hospedeira do ar, talvez... Tinha de ver. Uma carreira, em todo o caso, que não implicasse gestos diariamente repetidos, repetidos pelo menos com o mesmo pano de fundo. (Carvalho, 2011, pp.66-67)

Lisa cresceu muito bem, sua avó, Ana, também estava orgulhosa dela. Ana tinha uma forte confiança no futuro de Lisa, ela sentia que Lisa era capaz de fazer tudo:

[...] A verdade, porém, é que a pureza, a bondade, a ausência de ambição e até de emulação haviam perdido a sua antiga qualidade de virtudes fundamentais. Outras coisas tinham surgido dignas de admiração idêntica (embora também de receio, de admirativo receio). A faculdade de saber, que Lisa parecia possuir; mais ainda, de saber o que era melhor, o que mais lhe convinha. A sua inteligência. A sua beleza. O seu amor pela vida. A extraordinária facilidade com que fazia amigos.

“Esta pequena é a minha consolação”, dizia às vezes a sogra, como quem reconhece qualidades atávicas, e olhando-a com amor. “Vai conseguir tudo aquilo que eu não consegui, em que eu falhei. Olho para ela e sinto que não vou morrer, que ainda cá fico umas boas dezenas de anos para fazer coisas, para obter coisas.” (Carvalho, 2011, p.89)

No entanto, depois de conhecer Ernesto, que era rico e bom de disfarce, sob as suas doces palavras, Lisa gradualmente esqueceu o seu propósito original de vida. Ela insistiu em se casar com Ernesto que tinha idade suficiente para ser seu pai, apesar da oposição da sua família. Por conseguinte, acabou em mulher de Ernesto em vez de uma hospedeira do ar. No final da história, não se menciona muito sobre o futuro de Lisa, só se refletindo sobre o nascimento iminente da sua criança, através da conversa de sua mãe com Manuela. Então, não sabemos se ela acabou sendo como sua mãe. O que sabemos é que seu marido Ernesto não era um homem de bom coração, mas era egoísta e hipócrita. Quando vivia com Manuela, era regularmente desleal e a deixaria quando alguém melhor aparecesse. Claro, talvez Lisa vivesse feliz naquela época em que ainda

era bonita e jovem, mas quando estivesse velha, quando uma mulher mais jovem e mais bonita do que ela aparecesse, o seu futuro poderia ser imaginado.

Agora chegamos a Manzhen que tem muito em comum com Lisa. Manzhen também perdeu o pai quando era criança, mas a mãe de Manzhen não saiu para trabalhar para sustentá-la como a mãe de Lisa. Há muitas pessoas na família de Manzhen, além dela e sua mãe, há também sua avó e sua irmã Manlu. Para sustentar a família, sua irmã trabalhava como *dancing girl*. Com o apoio da irmã, Manzhen recebeu uma boa educação e tinha boas notas na escola, como Lisa. Mas, ao contrário de Lisa, Manzhen estava muito entusiasmada com o aprendizado e estudou com muito esforço para poder trabalhar e sustentar a sua família após a formatura, para que a sua irmã não precisasse mais de fazer os trabalhos ruins.

Comparada com Manzhen, Lisa obviamente não tem muita pressão da vida. Mas semelhante à Lisa anterior, Manzhen também é uma mulher independente com a capacidade de pensar e julgar por si mesma. Quando a sua irmã se casou com Zhu Hongcai, Manzhen insistiu em trabalhar em dois empregos e assumir as responsabilidades familiares sozinha, garantindo que os seus irmãos mais novos estudassem e frequentassem a escola. Não queria que Hongcai a tratasse mal por causa do fardo familiar dela, então não aceitava que o marido da irmã ajudasse a sustentar a sua família. A seguinte tradução do texto original menciona a atitude de Manzhen quando a sua mãe sugeriu que Hongcai pudesse sustentar a sua família. Apoiava a família pobre e fraca com independência e dignidade:

“Bem”, respondeu a Sra. Gu, com uma lentidão excruciante, “ela diz que [...] Ele não é rico, mas tem dinheiro suficiente para nos sustentar...”

Manzhen ficou calado até aquele momento, mas agora ela teve que interromper a conversa. “Mãe, de agora em diante eu vou sustentar a família. Qual foi o sentido de Manlu pagar as minhas mensalidades escolares por todos esses anos, se eu não posso substituí-la agora?”

“Isso é verdade,” disse a mãe, “mas como isso é possível, com o seu pequeno salário? É claro que podemos reduzir o nosso custo de vida, mas os seus irmãos mais novos ainda precisam ir à escola - de onde virão as mensalidades?”

“Mãe, não se preocupe. Vou procurar mais trabalho, e, depois que Manlu se mudar, não precisaremos da empregada, e os quartos extras da casa podem ser alugados. Teremos que economizar um pouco, mas isso não importa.”

A mãe assentiu com a cabeça: “assim será melhor. Mesmo que tenhamos uma vida precária, pelo menos não tomamos isso como certo. E para dizer a verdade, sinto-me muito desconfortável quando usar o dinheiro da sua irmã.”⁵

No entanto, em termos de amor, Manzhen e Lisa são muito diferentes. A visão do amor de Manzhen não só era diferente de Lisa, mas também era muito diferente da maioria das mulheres na República da China. Manzhen tratava o amor de maneira especial. Levava o amor muito a sério e só amava Shijun porque gostava dele, não porque a família de Shijun era boa e rica. Também não esperava que Shijun a apoiasse financeiramente. Não aspirava a ser mulher de um homem rico como Lisa, embora Shijun, que estava apaixonado por ela na época, fosse tão rico quanto o marido de Lisa. Não queria desfrutar da riqueza ancestral de Shijun, sentiu que a vida com Shijun deveria ser ganha pelos dois.

É mencionado muitas vezes no livro que, para se casar com Manzhen o mais rápido possível, Shijun esperava que Manzhen concordasse em se casar com ela com a propriedade de sua família, mas Manzhen nunca concordou. Ela esperava casar-se com o dinheiro que ambos ganham:

“Manzhen, quando devemos nos casar? Da última vez que estive em casa, minha mãe disse que esperava que eu me casasse logo.”

“Mas acho que seria melhor não depender deles financeiramente.”

Esse era o sentimento de Shijun também. Ele havia lutado tanto pela liberdade de fazer a sua própria carreira, rompido com o pai e fugido para Xangai para trabalhar; se ele se virasse agora e pedisse ao pai que apoiasse ele e a sua nova mulher, seria uma grande derrota. “Está bem, mas quanto tempo devemos esperar?” ele perguntou.

“Acho melhor falarmos sobre isso no futuro. Minha família ainda precisa de mim.”

⁵ Versão original: 她母亲慢吞吞地说道：“(…)他钱是没什么钱，像我们这一份人家的开销总还负担得起——”曼桢默然听到这里，忍不住插嘴道：“妈，以后无论如何，家里的开销由我拿出来。姊姊从前供给我念书是为什么的，我到现在都还替不了她？”她母亲道：“这话是不错，靠你那点薪水不够呀，我们自己再省点儿都不要紧，几个小的还要上学，这笔学费该要多少呀？”曼桢道：“妈，你先别着急，到时候总有办法的。我可以再找点事做，姊姊要是走了，佣人也可以用不着了，家里的房子也用不着这么许多了，也可以分租出去，我们就是挤点儿也没关系。”她母亲点头道：“这样倒也好，就是苦一点，心里还痛快点儿。老实说，我用你姊姊的钱，我心里真不是味儿。我不能想，想起来就难受。”(Chang, 2012, p.24)

“Está carregando demais a responsabilidade familiar – não gosto de ver toda essa pressão sobre você. Se nos casássemos, nós dois poderíamos encontrar uma maneira melhor.”

“É disso que tenho medo!”, disse Manzhen, sorrindo para ele. “Não quero arrastá-lo para isso.”

“Por que não?”

“Já está a começar a sua carreira de profissão. Apoiar uma família já seria uma grande dificuldade. Apoiar duas famílias quase pode significar o fim da sua carreira.”

Shijun olhou para ela, sua boca levantada em um pequeno sorriso. “Eu sei que está sempre a pensar no que é bom para mim, mas...” Ele fez uma pausa. “Mas às vezes eu odeio você por isso”.⁶

Diferente do marido de Lisa, Shijun é um bom homem com senso de responsabilidade. Se Manzhen se casasse com ele e aceitasse o seu apoio, ela definitivamente levaria uma boa vida, mas não estava disposta a fazê-lo. Shijun apaixonou-se por ela justamente por causa da sua boa qualidade de independência, então estava disposta a respeitar as suas ideias e esperar que os dois ganhassem dinheiro suficiente antes de se casar. No entanto, também por causa disso, o casamento deles foi adiado repetidas vezes, e, depois de um acidente que aconteceu na família de Shijun, ele teve que voltar para casa para herdar os negócios da família, o que por sua vez levou ao mal-entendido entre os dois. Uma grande parte da razão pela qual os dois brigaram pela última vez foi a demissão de Shijun. Manzhen pensou que ele havia desistido da sua carreira para voltar para casa e herdar a propriedade:

“Não tenho nada além de simpatia por sua irmã,” disse Shijun, “mas outras pessoas não veem como nós. Para se dar bem na sociedade, às vezes tem que...”

⁶ Versão original: 世钧道：“曼桢，我们什么时候结婚呢？……我上次回去，我母亲也说她希望我早点结婚。”曼桢道：“不过我想，最好还是不要靠家里帮忙。”世钧本来也是这样想。从前为了择业自由和父亲冲突起来，跑到外面来做事，闹了归齐，还是要父亲出钱给他讨老婆，实在有点泄气。世钧道：“可是这样等下去，要等到什么时候呢？”曼桢道：“还是等等再说吧。现在我家里人也需要我。”世钧皱着眉毛道：“你的家累实在太重了，我简直看不过去。譬如说结了婚以后，两个人总比一个人有办法些。”曼桢笑道：“我正是怕这个。我不愿意把你拖进去。”世钧道：“为什么呢？”曼桢道：“你的事业才正开始，负担一个家庭已经够麻烦的，再要是负担两个家庭，那简直就把你的前途毁了。”世钧望着她微笑着，道：“我知道你这都是为了我的好，不过……我不知道为什么，有一点恨你。” (Chang, 2012, pp.93-94)

Manzhen não esperou que ele terminasse. “Às vezes tem que mostrar um pouco de coragem”, ela disse.

Shijun novamente ficou em silêncio por um longo momento. “Eu vejo. Tenho a certeza de que pareço fraco para você, desde que desisti do meu emprego.” Na verdade, ele largou o emprego principalmente por causa dela. Sentiu que isto era tão injusto que as palavras não poderiam expressar a injustiça de tudo.

Manzhen não disse mais nada. Shijun continuou com sua voz baixa: “Sei que deve estar decepcionado comigo.” [...]

“Não estou desapontado, já lhe digo. Mas há uma coisa que realmente quero saber. Pretende conseguir um novo emprego? Não acredito que estaria disposto a ficar em casa a vida toda, como seu pai.”

“Meu pai pode estar um pouco atrasado e ter um modo de pensar antiquado, mas isso não é motivo para você desrespeitá-lo!”

“Quando eu o desrespeitei? É você que não respeita as pessoas! Acho que não há nada de errado com minha irmã, não há razão para ela ficar escondida. Ela não fez nada de errado. É tudo culpa da sociedade - esta nossa sociedade injusta! Se você quer falar sobre imoralidade, não sei quem é mais imoral: as prostitutas ou os homens que são seus clientes!”

A única resposta de Shijun foi o silêncio. Uma dor amarga percorreu o seu corpo enquanto ele estava sentado ali.

Manzhen de repente tirou o anel de seu dedo e o colocou na frente dele. “Não precisa de se preocupar tanto.”⁷

A partir do parágrafo acima, podemos ver que a visão da castidade de Manzhen

⁷ Versão original: 世钧道：“我对你姊姊的身世一直是非常同情的，不过一般人的看法跟我们是两样的。一个人在社会上做人，有时候不能不——”曼桢没等他说完便接口道：“有时候不能不拿点勇气出来。”世钧又是半天不作声。最后他说：“我知道，你一定觉得我这人太软弱了，自从我那回辞了职。”其实他辞职一大半也还是为了她。他心里真有说不出的冤苦。曼桢不说话，世钧便又用低沉的声音说道：“我知道，你一定对我很灰心。”(...) 她说：“我并没有觉得灰心，不过我很希望你告诉我实话，你究竟还不想出来做事了？我想你不见得就甘心在家里待着，过一辈子，像你父亲一样。”世钧道：“我父亲不过脑筋旧些，也不至于这样叫你看不起！”曼桢道：“我几时看不起他了，是你看不起人！我觉得我姊姊没有什么见不得人的地方，她没有错，是这个不合理的社会逼得她这样的。要说不道德，我不知道嫖客跟妓女是谁更不道德！”世钧觉得她很可以不必说得这样刺耳。他惟有一言不发，默默的坐在那里。那苦痛的沉默一直延长下去。曼桢突然把她手上的戒指脱下来放在他面前，苦笑着说：“也不值得为它这样发愁。” (Chang, 2012, pp.183-184)

também é muito diferente da de outras mulheres, ou então, diferente de outras pessoas daquela época da China. O pai de Shijun era um convidado da irmã de Manzhen quando a irmã era uma prostituta. Então, Shijun teve que esconder o relacionamento entre Manzhen e a sua irmã. No entanto, Manzhen era muito protetora da sua irmã, não achava a irmã suja ou tinha culpa que fosse uma prostituta, porque ela tinha de ser uma prostituta para sustentar a sua família. Infelizmente, depois desta luta com Shijun que a maioria era para defender sua irmã, Shijun voltou para Nanquim e, depois, Manzhen foi ferida por sua irmã. Quando Shijun se arrependeu e voltou a Xangai para encontrá-la, já havia sido presa por sua irmã e perdeu a chance de entrar em contacto com Shijun.

Manzhen não considerava impuras as mulheres que foram forçadas a perder a virgindade. Portanto, embora ela tenha sido enquadrada por sua irmã e a sua virgindade tenha sido tirada por Zhu Hongcai, não sentiu vergonha de Shijun, e o seu amor por Shijun ficou ainda forte. Mesmo se estivesse trancado numa pequena sala, tentou todos os meios para se comunicar com Shijun. O seu amor é secreto, profundo e profundamente pessoal. Quando ela finalmente teve a chance de escapar do mundo do "palácio de Manlu", ela deixou o seu filho recém-nascido e tentou o seu melhor para escapar do controle de sua irmã, independentemente do seu corpo fraco, e finalmente ganhou a sua liberdade pessoal com a ajuda de um casal. No entanto, depois de ganhar a sua liberdade, soube que Shijun já havia se casado e tido filhos. No final, a sua resistência vital falhou, e finalmente escolheu sacrificar a sua própria felicidade pela saúde do seu filho e se casar com Hongcai. No entanto, o seu espírito de se livrar dos grilhões do espírito das mulheres vai sempre tocar o coração dos leitores.

2.3.2. Manlu e Manuela: mulheres fortes que sofreram por amor

No início, decidi comparar Manlu e Dora nesta secção, porque ambas as mulheres experimentaram o casamento e a traição do marido. Mas no final, optei por comparar Manlu e Manuela. Como Dora só soube da traição do marido após a morte dele, ela sempre o amou antes de sua morte e estava convencida de que ele a amava profundamente, e isso é significativamente diferente de Manlu. Então, Manuela, que também era odiada pelo seu amante, e também era uma mulher estéril como Manlu, é obviamente mais parecida.

O livro não gasta muita tinta a descrever Manuela. Pelas poucas descrições, podemos

ver que ela era uma mulher forte. Ao contrário da força de Manlu, a sua força residia no facto de a maioria das suas emoções serem calmas. Entendia claramente que Ernesto não a amava, e aceitava isso quase com tranquilidade. Não tinha nenhum ciúme e ressentimento:

... Por exemplo, que eu deixara, com o tempo, de ser a camarada para me transformar na paisagem a que ele estava habituado e que decerto, se ardesse, lhe causaria espanto. Se ardesse, expliquei, não se ele lhe houvesse deitado fogo. Mas as paisagens não costumam arder nem ser devoradas por fendas sísmicas, isso é tão raro que quando acontece vem no jornal. O que acontece é a pessoa em questão fartar-se da paisagem, não por ter encontrado outra mais acolhedora (ninguém troca uma paisagem por outra), mas porque deparou com alguém que a faz desprezar toda e qualquer paisagem. Isto disse eu um dia a Dora. E ainda, para provar o meu desconforto, que ele chegava a dizer-me que gostava de mulheres altas, esquecido de que eu era baixa, e de mulheres loiras, esquecido de que eu era morena. Esquecido, repito. Era um homem incapaz de ser voluntariamente cruel ou mesmo incorreto.

Nesse dia, Dora perguntou-me com visível falta de interesse: “Mas pensas que há mais alguém?”

Ri-me da sua ingenuidade. “Se há mais alguém!” Mas houve sempre mais alguém, quero dizer, quase sempre. Simplesmente, nunca apareceu nenhuma pessoa com força bastante para ele abandonar a paisagem a que se habituou. Uma paisagem serena, sem tempestades. Ele gosta do bom tempo e dos caminhos fáceis. Depois, não sou ciumenta. Acho o ciúme um sentimento inútil e demolidor. Mais ainda, um sentimento com o qual ninguém tem nada a ganhar. Ele também o não é, mas com ele o caso é diferente. Escusa de ter ciúmes, nunca me interessei por mais ninguém. (Carvalho, 2011, p.92)

“O que acontece é a pessoa em questão fartar-se da paisagem, não por ter encontrado outra mais acolhedora, mas porque deparou com alguém que a faz desprezar toda e qualquer paisagem” (Carvalho, 2011, p.92). O significado desta frase é semelhante a um antigo poema chinês "é difícil ser água para quem viu os grandes mares, e difícil ser nuvens para quem viu as Gargantas do Yangtze"⁸. Manuela amava Ernesto profundamente, mas viu a sua traição como normal e natural. No início, ela

⁸ Versão original: 曾经沧海难为水，除却巫山不是云。 (Yuan, Dinastia Tang)

pensou que Ernesto precisava encontrar outra mulher porque ela não podia ter filhos. Acreditava que Ernesto gostava dela, mas também sabia que isso não podia tornar Ernesto leal:

Eu julgava que o problema dele não se chamava Manuela e afinal... Arranjara maneira de eu ser o seu problema. Era infeliz por eu não ter filhos e procurava compensações lá fora. Ao mesmo tempo, porém, gostava muitíssimo de mim e não podia trocar-me por mais ninguém. Um círculo vicioso muito vicioso. Como já disse, não cultivo o estilo dramático e por isso sempre compreendi que se no fundo ele tem razão (quando me conheceu estava, de resto, mais ou menos noivo de uma jovem inglesa que decerto lhe teria dado alguns meninos loiros, gordos e rosados, sem sobrancelhas como a mãe, belos bebês anglo-lusos), por outro lado, se tivesse tido filhos, isso tê-lo-ia forçado a arranjar outro alibi (decerto fácil, o do infinito amor que o ligava às crianças). (Carvalho, 2011, p.103)

Comparada com a histeria de Manlu, a calma de Manuela era mais como o desespero após muitas decepções. Ela finalmente se sentiu exausta no dia em que Ernesto lhe disse que queria casar-se com Lisa. Provavelmente foi nesse dia que estava completamente desesperada. Neste dia, ela disse: "Se não fosse Lisa, também não seria eu":

Foi no dia seguinte que ele me comunicou que ia sair de casa. Estava terminantemente resolvido.

Quem... Lembrei-me de Dora, não sei porquê. Talvez porque ele tinha ido ao Museu e ela estava diferente. Mas não acreditava no que dizia quando lhe perguntei:

“A Dora Rosário?”

“Não, a filha.”

“O quê?” O espanto que sentia era imenso. “Mas é uma garota, enfim, tem quinze anos ou...”

“Fez dezassete.”

“É uma garota.”

“Não, é uma mulher.”

“E ela quer-te, essa mulher?”

“Não sei. Ainda não lhe disse nada.”

“Meu Deus!”

Fiquei estupefacta. E então convencida. Não tive palavras. Ele despedia-me, melhor, despedia-se, antes mesmo de ter a certeza de ela o aceitar. Ela. Se não fosse Lisa, também não seria eu. Estava ao mesmo tempo apaixonado e farto. Ou talvez fosse a simples presença de Lisa a lançar-lhe em rosto a minha imagem de mulher estéril, que lhe tornara de certo modo estéril a existência. (Carvalho, 2011, p.123)

No final da história, quando Dora visitou sua casa e lhe disse que o bebê de Lisa estava prestes a nascer, ela respondeu com pouca emoção: "O Ernesto deve estar contente. Sempre desejou ter um filho." (Carvalho, 2011, p.144) Como se estivesse a falar de alguém que não tinha nada a ver com ela:

“Nota que a Lisa insistiu muito para eu ir viver com ela, mas bem vê... De resto nunca gostei de estar em casa dos outros. Depois têm sempre muita gente, jantares, reuniões, e agora que a criança vai nascer...”

“Ah”, disse eu.

“Não sabias?”

“Não. Não sabia. O Ernesto deve estar contente. Sempre desejou ter um filho.”

“Creio que sim, que está.”

Levantou-se e estendeu-me lentamente a mão. Depois disse com um leve suspiro:

“Adeus, Manuela, e desculpa. Enfim, quero dizer...”

Não achou o que queria dizer, e eu não a ajudei nessa busca. Abri-lhe a porta, fui à janela vê-la, não sei bem porquê. Estava a chover e ela uma mulher cinzenta, um pouco curvada, perdida na cidade deserta depois da peste e do saque. Reparei que o seu caminhar era incerto e hesitante, às guinadas, como se estivesse levemente embriagada ou ainda não tivesse acordado totalmente de um longo sono.

A chuva continuava, uma chuva mansa e igual, quase lenta, sem interesse em tombar, escorrendo como que passivamente de um céu doente e velho, lacrimejante, fatigado de existir. Era um dia igual a tantos, agora que eu vivia só. Mais um número a subtrair à minha conta-corrente. (Carvalho, 2011, pp.144-145)

O final de Manuela foi trágico, quase se tornando um morto-vivo. Vivia sozinha, sem amor, sem expectativas e sem alegria. Comparada com Manuela, embora a vida posterior de Manlu não tenha tido o amor de seu marido, ainda teve um filho (filho de Manzhen), o que acrescentou vitalidade à sua vida. Era muito gentil com esse filho não

biológico e quase o amava na palma da mão. Além do facto de que a criança foi um conforto para ela nos seus últimos anos, o seu amor e cuidado com a criança era por culpa por sua irmã. Por falar nisso, temos que começar desde o início.

Para sustentar a família, Manlu, como a filha mais velha, assumiu a responsabilidade familiar quando era jovem. Na época, a família tinha vários de seus irmãos mais novos, sua avó e mãe, e uma empregada. Toda a família depende dela para sustentá-los, dependem dela para se alimentar e viver, e além disso, sua irmã Manzhen precisa dela para pagar as mensalidades escolares. Naquela época da China, era impossível sustentar tantas pessoas com o salário de uma mulher que fazia um trabalho sério. Então, só podia usar o seu corpo como ferramenta para ganhar dinheiro e escolheu a saída como *dancing girl*. Devido à identidade de uma *dancing girl*, Manlu foi forçada a terminar com Yujin, que ela conheceu quando jovem, e perdeu a chance de se casar com um bom homem. Portanto, a sua força também se reflete aqui. Ela sacrificou a sua vida e desistiu do seu amante pela sua família, e era muito decidida na hora de tomar decisões:

Quando chegaram ao beco, Manzhen lembrou-se de como sua irmã e Zhang Yujin costumavam sair para passear depois do jantar. Manzhen e as outras crianças no beco seguiam atrás deles, batendo palmas e gritando. Manlu e Yujin escondiam o descontentamento deles em pequenos sorrisos fingidos, tentando ignorar o barulho. Pensando nisso, Manzhen sentiu vergonha do seu comportamento, especialmente porque a sua irmã e Yujin não haviam se casado, afinal. Tudo o que eles tiveram foi um pedacinho de felicidade, um momento que desapareceu muito rapidamente.⁹

O primeiro amor entre Manlu e Yujin foi realmente muito romântico, e Yujin era um homem responsável que amava profundamente Manlu. Se ela se casasse com ele, a vida dela seria muito feliz e totalmente diferente. Yujin era médico e depois teve uma carreira de sucesso e se tornou diretor de um hospital, mas isso é a história posterior. Na época, o seu salário não era suficiente para ajudar Manlu a sustentar a sua família. Portanto, Manlu

⁹ Versão original: 走到街堂里，曼桢又想起她姊姊从前有时候和豫瑾出去散步，也是在晚餐后。曼桢和街堂里的小朋友常常跟在他们后面鼓噪着，钉他们的梢。她姊姊和豫瑾虽然不睬他们，也不好意思现出不悦的神气，脸上总带着一丝微笑。她现在想起来，觉得自己真是不可恕，尤其因为她姊姊和豫瑾的一段姻缘后来终于没有成功，他们这种甜蜜的光阴并不久长，真正没有多少时候。（Chang, 2012, p.83）

finalmente tomou a decisão de terminar com Yujin. A partir disso, podemos ver que a natureza de Manlu era realmente muito simpática e devotada. Portanto, quando ela foi torturada pela vida e perdeu a sua natureza e traiu a sua bondade, foi particularmente trágico.

Quando ela ficou velha, escolheu casar-se com Hongcai, que era um homem rico. Na época, a sua família achava que era um bom destino para ela, mas não sabiam que esse era o início da sua tragédia. Após o casamento, Hongcai não foi tão bom para ela como o prometido antes do casamento. Eles brigavam com frequência, e Hongcai não voltava para casa frequentemente. Depois de saber que Yujin tinha uma carreira de sucesso, os seus pensamentos mudaram um pouco. Começou a se arrepender de sacrificar a sua própria felicidade por sua irmã. Depois que uma vez Yujin visitou a casa de sua mãe, o seu espírito mudou completamente. Descobriu que Yujin provavelmente se apaixonou por sua irmã porque se parecia com ela, e naquela época a sua irmã já tinha um namorado muito confiável. Após o diálogo com Yujin, o texto original do livro descreve as atividades psicológicas de Manlu assim:

Manlu estava sozinho no quarto, as lágrimas caindo como rios de areia. O quarto não havia mudado desde a última vez que ela estivera ali, dois dias antes: a toalha de Yujin ainda estava pendurada na cadeira, embora o chapéu dele já não estivesse na mesa. Mas quando ela tentou se lembrar de como ela se sentiu naquela luz de lamparina - todos aqueles sentimentos quentes e bons - ela deu um sobressalto, como se ela tivesse pisado em algum outro mundo.

O livro perto do seu travesseiro ainda estava lá, virado para alguma página em particular. Ela não tinha notado ontem. Havia alguns romances na mesa também, todos os livros eram de sua irmã. E a luminária de mesa, que também era da irmã dela. A irmã tinha sido muito simpática com Yujin, emprestando-lhe os seus livros, e a sua lâmpada, para que ele pudesse deitar-se confortavelmente na cama e ler. Toda aquela doçura dela era fácil de imaginar. E a mãe deles encorajou-a, procurou maneiras de mandá-la com chá, ou até mesmo água pura - o dia todo, como a típica filha do senhorio, encontrando motivos para correr para o quarto dele, acompanhando sempre ao seu lado. E porque ela era jovem, as pessoas a consideravam uma menina inocente, todos os seus motivos perfeitamente puros, não importa o que ela fizesse. Manlu odiava-a, odiava-a muito. A irmã era tão jovem, com um futuro brilhante se estendendo à sua frente, não como ela própria, cuja vida já havia acabado. A única coisa que Manlu tinha eram memórias do seu tempo com Yujin, por mais duras e solitárias que fossem, essas memórias valiam a

pena guardar. Mas agora a sua irmã havia pisado nas memórias, esmigalhando-as em pedaços, até que se alojaram como lascas no seu coração. Ela não poderia tocar essas memórias novamente - se o fizesse, o seu coração partir-se-ia.

Sua irmã não a deixaria segurá-las, essas memórias de sonho, em paz. Por que ela era tão cruel? Ela tinha o seu próprio amor. A mãe havia dito que o namorado da irmã já estava com ciúmes por causa de Yujin. Talvez esse fosse o plano de Manzhen - deixá-lo com ciúmes. Nenhuma razão real - ela só queria deixar o seu namorado com ciúmes. "Tenho sido bom com ela", pensou Manlu. E é assim que ela retribui minha gentileza. Nunca pensou no que eu fiz por ela. Por quem vendi minha juventude, senão ela? Se não fosse por eles, teria me casado com Yujin há muito tempo. Eu sou uma idiota. Que idiota. Ela chorou incontrolavelmente.¹⁰

Ela sentiu que o mundo era injusto, como se sua irmã já tivesse um bom namorado, mas ela ainda queria roubar o seu amante e destruir as suas memórias. Ela sentiu que, para sustentar sua irmã, só poderia passar o resto da sua vida com um homem sujo, mas a sua irmã conseguiu tudo. O ciúme gradualmente mudou a sua mente, e os maltratos de Hongcai também a deixaram torturada. Podemos ver que isso é muito diferente de Manuela. É possível por causa que a vida anterior de Manlu era muito amarga, ela apegava-se demais ao seu marido, Hong Cai, mesmo que ele não fosse uma boa pessoa. Mesmo assim, antes do incidente de Yujin mencionado no texto original acima, quando Hongcai propôs que ele

¹⁰ Versão original: 曼璐一个人在房里，眼泪便像抛沙似的落了下来。这房间跟她前天来的时候并没有什么两样，他用过的毛巾依旧晾在椅背上，不过桌上少了他的帽子。前天晚上她在灯下看到这一切，那种温暖而亲切的心情，现在想起来，却已经恍如隔世了。他枕边那本书也还在那里，掀到某一页。她前天没注意到，桌上还有好几本小说，原来都是她妹妹的书，她认识的，还有那只台灯，也是她妹妹的东西。——二妹对豫瑾倒真体贴，借小说书给他看，还要拿一只台灯来，好让他躺在床上舒舒服服的看。那一份殷勤，可想而知。她母亲还不是也鼓励她，故意支使她送茶送水，一天到晚借故跑到他房里来，像个二房东的女儿似的，老在他面前转来转去，卖弄风情。只因为她是一个年轻的女孩子，她无论怎么样卖弄风情，人家也还是以为她是天真无邪，以为她的动机是纯洁的。曼璐真恨她，恨她恨入骨髓。她年纪这样轻，她是有前途的，不像曼璐的一生已经完了，所剩下的只有她从前和豫瑾的一些事迹，虽然凄楚，可是很有回味的。但是给她妹妹这样一来，这一点回忆已经给糟蹋掉了，变成一堆刺心的东西，碰都不能碰，一想起来就觉得刺心。连这一点如梦的回忆都不给她留下。为什么这样残酷呢？曼贞自己另外有爱人的。听母亲说，那人已经在旁边吃醋了。也许曼贞的目的就是要他吃醋。不为什么，就为了要她的男朋友吃醋。曼璐想道：“我没有待错她呀，她这样恩将仇报。不想从前，我都是为了谁，出卖了我的青春。要不是为了他们，我早和豫瑾结婚了。我真傻。真傻。”她唯有痛哭。(Chang, 2012, p.134)

cobiçava a irmã dela, queria que Manlu ajudasse a irmã a se casar com ele, e prometeu que assim que a irmã viesse à casa deles, ele trataria bem Manlu, ela ainda o rejeitou com raiva. Neste momento ainda estava a proteger a sua irmã:

Hongcai colocou a mão de Manlu no peito dele, olhou para ela e sorriu. “Farei tudo o que você disser. Não vou mais sair para encontrar outras mulheres. Mas... tenho uma condição, tem que me satisfazer.”

Ela imediatamente perguntou: “O que é a condição?”

“Não vai concordar com isso.”

“Diga-me o que é. Por que não pode dizer? Oh - quer algo terrível - é isso! Como você pode ficar aí deitado assim, se recusando a me dizer o que é?”

(...)

Hongcai tomou um pequeno gole de chá e sorriu. “Manlu, porque a sua irmã ficou tão bonita?”

O rosto de Manlu ficou pálido. “O que você está a dizer? Porque ficou tão louco?”

“Na verdade, existem garotas que são bonitas, mas não sei por que motivo continuo a pensar nela.”

“Tire essa ideia maluca da sua cabeça! Vamos ver se entendi: mesmo que ela concordasse, eu não aceitaria. Fui eu quem levantou o dinheiro, ano após ano, para que aquela garota pudesse ir à escola. Eu sacrifiquei tudo para que ela pudesse se tornar quem ela é - acha que vou deixá-la se tornar a concubina de alguém? Parece pensar que todas as mulheres da minha família servem apenas para serem concubinas... Bem, é melhor se livrar dessa ideia, agora mesmo!”

“Chega, chega. Estou a brincar. Devo ignorar você? Isso seria melhor?”

No entanto, Manlu estava completamente irritado, não deixou o assunto acabar. Ela continuou a falar. — “Eu deveria saber que não estava fazendo nada de bom! Comendo da tigela, mas olhando para a panela! Ganha um pouco dinheiro, e acha que isso faz de você um imperador! Quando me casei consigo, não foi pelo seu dinheiro - com certeza isso está claro!”

Hongcai sentou-se abruptamente. — “Nunca pode deixar isso pra lá? Todo mundo sabe que costumava ser um diabo, mas o que você era? Uma puta! Sem vergonha!”¹¹

¹¹ Versão original: 鸿才把她的手搁在他胸前，望着她笑道：“以后我听你的话，不出去，不过有一个条件。”曼璐突然起了疑心，道：“什么条件？”鸿才道：“你不肯的。”曼璐道：“你说呀。怎么又不说了？我猜你就没什么好事！（.....）”鸿才喝了一口，笑道：“曼璐，二妹怎么越来越漂亮了？”曼璐变色道：“你呢，神经病越来越厉害”

A luta desta vez com o seu marido que foi insultado por ele para proteger a sua irmã, juntamente com o incidente sobre Yujin, levou Manlu a decidir ajudar o seu marido a estuprar Manzhen, e começou a andar num caminho errado e desumano. O desespero com a vida e a decepção com a irmã fez que ela finalmente sucumbisse ao poder patriarcal e buscasse constantemente a identidade psicológica em Hongcai. Portanto, estava disposto a sacrificar a felicidade de sua irmã para salvar o coração do marido. E quando as coisas acontecem, não há espaço para arrependimentos e pensamentos.

Depois que Manzhen partiu, Manlu tratou o filho dela como se fosse seu, e quando ela adoeceu e a morte estava a aproximar-se, ela foi encontrar a irmã que já não via há muitos anos, esperando que ela pudesse se casar com Hongcai e cuidar da criança. Realmente amava o filho de Manzhen, e não suportava que não houvesse ninguém para cuidar dele depois da sua morte, e não conseguia encontrar outra maneira. Manlu, como uma mulher muito representativa na época, sempre "perdeu a voz" por causa da crueldade da sociedade e do sofrimento da vida.

2.3.3. Dora e Cuizhi: mulheres como vítimas da sociedade patriarcal e da velha ética

Como figura central do livro, Dora foi muito representativa na sociedade portuguesa da época. Ela amava profundamente o marido, embora ele fosse incompetente para lhe dar uma boa vida e não a deixasse sair para trabalhar. “Dora Rosário amava-o mais do que a tudo do mundo. Mais do que aos pais (então já mortos), do que à filha de sete anos, do que si própria” (Carvalho, 2011, p.30). O seu amor cego pelo marido levou-a a obedecer-lhe, mesmo que as ideias dela às vezes não fizessem sentido. Duarte, o seu marido, tratava-a mais como uma

了！"她把茶杯往桌上一搁，不管了。鸿才犹自惘惘地向空中望着，道："其实要说漂亮，比她漂亮的也有，我也不知怎么，尽想着她。"曼璐道："亏你有脸说！你趁早别做梦了！告诉你，她就是肯了，我也不肯——老实说，我这一个妹妹，我赚了钱来给她受了这些年的教育，不容易的，我牺牲了自己造就出来这样一个人，不见得到了儿还是给人家做姨太太？你别想着顾家的女孩子全是姨太太胚——"鸿才道："得了得了，人家跟你闹着玩儿，你这人怎么惹不起的？我不睬你，总行了？"曼璐实在气狠了，哪肯就此罢休，兀自絮絮叨叨骂着："早知道你不怀好意了！吃着碗里看着锅里。算你有两个钱了，就做了皇帝了，想着人家没有不肯的，人家都是只认得钱的。你不想想，就连我，我那时候嫁你也不是看中你有权！"鸿才突然一骨碌坐了起来，道："动不动就抬出这句话来！谁不知道我从前是个穷光蛋，你呢，你又是什么东西！滥污货！不要脸！" (Chang, 2012, p.134)

empregada do que como uma mulher com personalidade própria. Após o casamento, as suas vidas eram pobres, então, quando a filha tinha dois anos, Dora propôs sair para trabalhar. Mas Duarte discordou. Achava que a sua mulher não trabalhar para ganhar dinheiro era o mesmo que contratar uma empregada para cuidar da filha, então não fazia sentido. E por respeito e amor ao marido, ela concordou em não trabalhar, e até defendeu o ponto de vista do marido quando a sogra sugeriu que ela fosse trabalhar:

Quando a filha nasceu e cresceu e fez dois anos, Dora disse um dia ao marido: “Todas as mulheres trabalham, eu podia arranjar um lugar qualquer, sei lá, sempre ajudava um pouco. Vi no jornal...”

Interrompeu-a logo. Que tontice. E a criança? Ia entregá-la a qualquer criada boçal? De resto, o que ganhasse ia-se na criada, no que ela gastava, no que estragava. Ficou pensativo e depois olhou-a fixamente. Dava-lhe o suficiente, não dava?

Dora acenou que sim, sem coragem para lhe dizer que sabia muito bem que ele almoçava mal, de qualquer maneira, e fazia longas caminhadas a pé para poupar o dinheiro dos carros. Calou-se, porém, para não o ferir, até ao fim. Porque a partir de certa altura, se falasse, ele pensaria que ela nunca tinha estado ao seu lado, mas sim do outro, a criticá-lo.

A sogra disse-lhe um dia: “Não sei como não se emprega. O Duarte ganha pouco e não é homem para vir a ganhar mais. Sempre ajudava”. E Dora deu então consigo a explicar-lhe que não podia entregar a menina a qualquer criada boçal, e a provar-lhe com exemplos, com números, que tudo o que ganhasse ou quase tudo ir-se-ia no que essa mulher pudesse comer e estragar. A sogra sorriu ao de leve, disse: “Argumentos do Duarte”, e o assunto foi encerrado. (Carvalho, 2011, pp.19-20)

E esta situação também conduziu a vida de Dora a um dilema sem saída, após a morte de Duarte:

“O teu marido, também, francamente... Nem umas economias, nem um seguro de vida, como é possível? Homens. Egoístas até à medula, mesmo os melhores. Com uma filha pequenina, meu Deus...” (Carvalho, 2011, p.14)

O seu marido não deixou nada de valor para ela, e aparentemente não teve chance de fazer amigos íntimos durante o seu tempo como dona de casa; então ninguém a

ajudou. No entanto, este foi o primeiro bom ponto de viragem na sua vida, porque depois disso ela começou a trabalhar para ganhar dinheiro, sustentar-se a si e à filha e tornar-se uma mulher independente. Mas por causa do seu profundo amor e saudade do seu marido, ela ainda vivia no seu próprio mundo, não interagindo com os outros e a sua vida ainda estava sem vigor e vitalidade:

Antigamente havia mulheres que, quando os maridos morriam, se metiam nas suas casas para todo o sempre. Algumas nem deixavam entrar o sol, talvez porque a sua alegria se chocava. Dora Rosário saía para o emprego, mostrava aos visitantes que passavam o limiar da loja móveis de estilo e bibelots de época, almoçava ao balcão de uma pastelaria ou de um snack qualquer, fumava às vezes um cigarro depois do café, mas quando regressava, ao fim da tarde, era como se não tivesse saído. Continuava a vestir-se de preto ao fim de dez anos, e com aquelas saias amplas e compridas que usava e os sapatos de salto raso parecia mais uma religiosa sem hábito do que aquilo que era na realidade, uma viúva de carreira. (Carvalho, 2011, p.16)

O segundo momento decisivo na vida de Dora foi na festa de 17 anos da filha, após a qual ela se transformou completamente. Neste dia, descobriu que a filha a achava “uma pessoa sem idade e sem solução”, e soube pela sua sogra que o seu marido não a amava quando estava vivo, e queria deixá-la para casar com outra mulher. O primeiro deixou-a “estupefacta”, “Naquele momento, se Lisa ali estivesse tê-la-ia esbofetado”. Enquanto o segundo a fez desejar que “ela tivesse morrido ontem, anteontem, há três ou quatro horas, mas antes de falar, antes de ter pronunciado aquelas palavras afinal de contas desnecessárias”:

A mãe é uma pessoa sem idade e sem solução. Já viste a Ana? Mas nunca ninguém lhe teria dito que ela assim parece uma dona de casa de passe?

O Duarte pensava em separar-se de si para ir viver com outra mulher. Porque não teria casado outra vez a tia Júlia? Uma pessoa sem idade e sem solução. Nunca teriam dito à Ana...? O Duarte queria viver com outra mulher. Morreu consigo, mas queria viver com outra mulher. Com aquela mulher, uma colega dele, já não me recordo do nome, parecia um ratinho esperto. A mãe é uma pessoa sem idade e sem solução. Museu... Deformação profissional... Sabe o que é um tumor de fixação? O Duarte pensava... O Duarte

desejava... O Duarte ambicionava... Lamento, mas não o dissuadi. Tomava pela primeira vez uma iniciativa, era coisa nova. (Carvalho, 2011, p.55)

A partir desta grande parte da sua descrição psicológica naquela noite, podemos ver que já tinha dúvidas sobre a sua vida anterior. Assim, dois dias depois, na descrição de Manuela, podemos saber que a sua imagem mudou completamente:

Nessa tarde fez várias coisas. Comprou um chemisier branco, um tailleur preto, meias claras e sapatos de salto. Depois entrou no cabeleireiro, que procurara ao acaso na lista dos telefones e onde já tinha hora marcada, e aí mesmo se abasteceu de alguns objetos que não usava desde a morte do marido: bâton, perfume, lápis para os olhos. Nos dias seguintes seria a vez dos tecidos para fazer um casaco e alguns vestidos. Nada de muito luxuoso, mas agradável à vista. Nunca teria pensado que Dora tivesse tão bom gosto. Até então parecera mesmo empenhada em provar o contrário.

Não se podia dizer que o resultado obtido fosse espantoso. O que surpreendia mais ainda do que esse resultado era o facto em si. Dora Rosário, Salvation Army e por aí fora, transformada numa pessoa como nós era na realidade inesperado. E, no entanto... Bem, pensando melhor, fazendo por ser absolutamente imparcial, tenho de confessar que ela estava, senão bonita, pelo menos bastante atraente e, sem dúvida, parecia muito mais nova. Era como se de repente houvesse ganhado os dez anos perdidos e não tivesse, portanto, grandes razões de queixa. (Carvalho, 2011, pp.63-64)

No entanto, mesmo assim, a sua vida ainda parecia ter perdido a fé e se tornado uma concha vazia:

Nessa noite pegou no retrato do marido, que conservava sobre a mesa-de-cabeceira por causa de Lisa, e olhou-o longamente. Era seu hábito pegar-lhe e olhá-lo, mas por motivos diferentes. Antes da conversa noturna com Ana, procurava, olhando-o, encher-se da imagem dele, chamá-lo para perto, alimentar-lhe a vida cada vez mais frágil. Porque a morte só é completa quando a recordação morre. Nunca, porém, o olhara tão longamente, tão agudamente, como nessa noite. E com tanta frieza. E nunca também ele lhe havia parecido tão vazio, tão apagado, tão de papel. Um retrato de jazigo, pensou. Daqueles cercados de flores de cera, e já sem cor. Papel velho, mais nada. (Carvalho, 2011, p.88)

Nos anos anteriores, o seu amor pelo marido quase se tornou seu sustento espiritual, ela estava convencida de que o seu marido a amava e, quando soube que ele não a amava, ficou mais triste do que no dia em que ele morreu. A tristeza dela não era apenas por causa da traição do marido, mas também pela destruição, como se as primeiras décadas da sua vida fossem completamente sem sentido. No entanto, em todo o caso, nas décadas em que viveu com o marido, na sua consciência, ela e ele estavam apaixonados; embora vivesse na pobreza e na miséria, ela tinha amor (embora fosse falso), e apoiada nesse amor ela viveu muitos anos, sustentando-a mesmo após a morte do marido. Ao contrário dela, embora Cuizhi vivesse uma vida sem preocupações de dinheiro, não tinha amor. Cuizhi casou-se com Shijun, a pessoa errada que não amava desde o início, e ambos sabiam que não se amavam. Cuizhi e Dora eram ambas vítimas da sociedade patriarcal, é difícil julgar quem é mais miserável. Diferente de Dora, a miséria de Cuizhi era uma espécie de desespero, porque já tinha alguém que amava, mas não podia viver com ele, e só poderia passar o resto da vida com alguém que não amava.

Como uma filha de uma família de classe alta na República da China, Cuizhi viveu uma vida próspera desde a infância. Ela não tem preocupações na vida e não precisa sair para trabalhar. Mas por causa disso, o homem por quem ela se apaixonou pela primeira vez na vida, Shuhui, não queria casar-se com ela. Porque ele não tinha um histórico familiar que pudesse corresponder a Cuizhi, nem tinha dinheiro suficiente para sustentá-la. O caráter de Cuizhi era diferente da maioria das mulheres jovens ricas da época, ela era muito individualista. Na primeira impressão que Shuhui teve dela, pensou que como uma mulher de personalidade especial, era uma pena que só pudesse seguir o caminho pavimentado por seus pais:

Shuhui sentou-se ao lado do cocheiro e olhou para as luzes da cidade velha. Ele pensou em Shijun e Cuizhi, dois jovens, crescendo nesta antiga capital. Talvez porque estava sentado no alto da carruagem a cavalo, semelhante ao status do criador, ele se sentisse triste e digno de compaixão com todos. Garotas como Cuizhi tiveram um momento especialmente difícil. Elas viviam num pequeno círculo social, com apenas uma opção na vida: encontrar um par adequado, casar e tornar-se nora. Um destino sombrio, de facto. Cuizhi parecia ter uma personalidade forte; era triste pensar nela sendo enterrada viva assim.

Shijun enfiou a cabeça para fora e gritou para eles: “É aqui!” O carrinho parou. Shijun saiu, seguida por Cuizhi, que cobriu a cabeça com o seu impermeável. Ela foi até à frente para se despedir de Shuhui. “Até à próxima vez.” A luz do carrinho brilhou no seu rosto, na chuva enevoadada.

Até à próxima, Shuhui disse, duvidando que ele a veria novamente. Estava um pouco triste. Ela não tinha futuro com Shijun, muito menos com ele, devido às diferenças das suas origens familiares.¹²

Cuizhi foi muito corajosa. Depois de mostrar a Shuhui que gostava dele, ela escreveu-lhe várias vezes até que ele parou de responder. Depois que as suas expectativas de resposta de Shuhui ao seu afeto foram perdidas, Cuizhi concordou em se casar com um filho de uma família rica, Yipeng, sob o arranjo da sua família. Durante o tempo em que ela e Yipeng estavam prestes a se casar, Shuhui acompanhou mais uma vez Shijun a Nanquim. O reencontro com Shuhui fez o coração de Cuizhi ganhar vida novamente. Após um dia de passeios com Shuhui, ela decidiu cancelar o seu noivado com Yipeng e planejar casar-se com Shuhui. No entanto, devido a várias considerações, Shuhui ainda não queria casar-se com Cuizhi, mas planeava estudar no exterior. É mencionado no livro que Cuizhi também queria trabalhar, mas a sua família era muito contrária a isso. Em relação ao casamento, ela também foi criticada por estar noiva e arrependida:

Ela perguntou: “Ah, então não ficou na casa de Shuhui? Já o viu afinal?”

“Ele esteve cá no hospital duas vezes.”

Cuizhi não insistiu no assunto. Ela estava se perguntando se Shuhui havia saído de Xangai; havia escrito uma carta para ele dizendo que havia rompido seu noivado com

¹² Versão original: 叔惠坐在马车夫旁边，一路上看着这古城的灯火，他想到世钧和翠芝，生长在这古城中的一对年轻男女。也许因为自己高踞在马车上，类似上帝的地位，他竟有一点悲天悯人的感觉。尤其是翠芝这一类的小姐们，永远生活在一个小圈子里，唯一的出路就是找一个地位相等的人家，嫁过去做少奶奶——这也是一种可悲的命运。而翠芝好象是一个个性很强的人，把她葬送在这样的命运里，实在是很可惜。世钧从里面伸出头来喊：“到了到了。”马车停下来，世钧先跳下来，翠芝也下来了，她把雨衣披在头上，特地绕到马车前面来和叔惠道别，在雨丝与车灯的光里仰起头来说：“再见。”叔惠也说“再见”，心里想着不见得会再见了。他有点惆怅。她和世钧固然无缘，和他呢，因为环境太不同的缘故，也是无缘的。(Chang, 2012, p.56)

Yipeng, mas ele não respondeu. Ele sempre evitou aproximar-se dela – uma consequência da riqueza da sua família, ela pensou, fazendo-o pensar que ela estava além do seu alcance, então ela sempre achou que deveria tomar a iniciativa de sua parte. Mas quando ela não obteve resposta, ela se arrependeu de ter escrito aquela carta. Não porque sentisse que tinha se rebaixado demais – ela nunca pensou nele assim. Em vez disso, ela temia que a sua ousadia o tivesse feito recuar, mesmo que ele gostasse dela. Ela sentiu-se deprimida desde então.

Virando-se para Shijun com um sorriso, ela perguntou: “Você viu a senhorita Manzhen quando estava em Xangai? Como está ela?” “Eu não a vejo há muito tempo”. “Ela e Shuhui são muito próximos, não são?” Isso pareceu estranho para Shijun, até que ele percebeu que ela deve ter ouvido isso de sua cunhada. Foi ele quem disse à família que Manzhen e Shuhui eram amigos, quando os dois vieram para Nanquim, porque não queria que a sua família perturbasse Manzhen. Pensar naquela visita era como lembrar-se de uma era distante e passada. Isso o fez sentir triste. Ele forçou um sorriso e disse a Cuizhi: “Os dois são apenas amigos.” Cuizhi respondeu: “Eu invejo pessoas como ela. Ter um trabalho como esse é maravilhoso”. Shijun não conseguia imaginar ninguém invejando o modo como Manzhen vivia, sempre correndo de um lugar para outro, trabalhando em tantos empregos ao mesmo tempo. Mas isso foi no passado — a sua vida agora, como mulher de um diretor de hospital, tinha que ser muito mais fácil.

“Eu gostaria de ir para Xangai e conseguir algum tipo de trabalho”, persistiu Cuizhi. “Para quê?” “O quê? Acha que eu não conseguiria?” “Não, não, não é isso. Não está a estudar na faculdade?” “Não faz diferença. Mesmo que espere até me formar, a minha família ainda não me deixa sair e conseguir um emprego”. Ela deu um longo suspiro. Aparentemente, ela tinha um coração cheio de aflição, e ninguém para conversar. Shijun olhou cuidadosamente para o rosto dela. Ela havia emagrecido bastante. Ele sentiu que ela havia mudado de alguma forma, depois do noivado rompido. Ela era uma pessoa mais quieta agora.

Os dois davam um passeio no relvado, seguindo um cãozinho. “Ele sempre tem muita energia”, disse Cuizhi de repente. “Quer dizer o cão?” Cuizhi fez uma pausa. “Não, quis dizer Shuhui”. “Sim, ele realmente tem muita energia. Sair para conversar com ele sempre me dá ânimo, se estou me sentindo cansado.” Eu realmente não tenho nada a dizer a Cuizhi, Shijun pensou consigo mesmo. É por isso que continuamos voltando a Shuhui, a única coisa que temos em comum.

Cuizhi pediu que ele entrasse, mas Shijun disse que ainda tinha outras famílias para visitar; ele se despediu e foi embora. (...) Desde que a sua cunhada tentou convencê-lo

a se casar com Cuizhi e foi rejeitada, ela sentiu-se um pouco envergonhada em relação Cuizhi: era como “perder o padrão enquanto o sapato ainda está a ser feito”. Ela nunca mais tocou no assunto e, claro, a mãe de Cuizhi ficou ainda mais silenciosa sobre isso. Como resultado, nenhum de seus outros parentes conhecia a história completa. Quando a Mulher ultramoderna de Yiming, Amy, discutiu o assunto, disse que Shijun era muito tímido e Cuizhi muito teimosa: caso contrário, eles teriam sido uma combinação perfeita. Agora que Cuizhi teve um noivado rompido, ela novamente se tornou um problema para a sua família. Talvez Shijun estivesse muito desconfiado, mas parecia-lhe que sempre que era convidado para algum lugar, Cuizhi também era convidada. Cuizhi teve a mesma impressão. Ela costumava ir à casa de Amy para jogar ténis, e Amy convidava Shijun para ir também.¹³

¹³ Versão original: 她听见说世钧一直在医院里侍候，便道：“那你这次去没住在叔惠家里？你看见他没有？”世钧道：“他到医院里来过两次。”翠芝不言语了。她本来还想着，叔惠也说不定不在上海了，她曾经写过一封信给他，信里提起她和一鹏解除婚约的事，而他一直没有回信。他一直避免和她接近，她也猜着是因为她家里有钱，他自己觉得高攀不上，所以她总想着应当由她这一方面采取主动的态度。但是这次写信给他他没有回信，她又懊悔，倒不是懊悔她这种举动太失身分，因为她对他是从来不想到这些的。她懊悔不是为别的，只是怕人家觉得她太露骨了，即使他本来有意于她的，也会本能地起反感。所以她这一向一直郁郁的。她又笑着和世钧说：“你在上海常看见顾小姐吧？她好吗？”世钧道：“这回没看见她。”翠芝笑道：“她跟叔惠很好吧？”世钧听她这话，先觉得有点诧异，然而马上就明白过来，她一定是从他嫂嫂那里听来的，曼桢和叔惠那次到南京来玩，他不是告诉他家里人说曼桢是叔惠的朋友，免得他们用一种特殊的眼光看待曼桢。现在想起那时候的情景，好象已经事隔多年，渺茫得很了。他勉强笑道：“她跟叔惠也是普通朋友。”翠芝道：“我真羡慕像她那样的人，在外面做事多好。”世钧不由得苦笑，他想曼桢身兼数职，整天辛苦奔波的情形，居然还有人羡慕她。但是那也是过去的事了，人家现在做了医院院长的太太，当然生活比较安定了。翠芝又道：“我也很想到上海去找一个事做做。”世钧笑道：“你要做事干什么？”翠芝笑道：“怎么，你觉得我不行？”世钧笑道：“不是，你现在不是在大学念书么？”翠芝道：“大学毕业也不过是那么回事，我就是等毕业了业说要出去做事，我家里人也还是要反对的。”说着，她长长的透了口气。她好象有一肚子的牢骚无从说起似的。世钧不由得向她脸上望了望。她近来瘦多了。世钧觉得她自从订了婚又毁约之后，人好象跟从前有点不同，至少比从前沉静了许多。两人跟在那只狗后面，在草坪上缓缓走着。翠芝忽然说了一声：“他真活泼。”世钧道：“你是说来利？”翠芝略顿了一顿，道：“不，我说叔惠。”世钧道：“是的，他真活泼，我要是心里不痛快的时候，去找他说说话，就真的会精神好起来了。”他心里想，究竟和翠芝没有什么可谈的，谈谈就又谈到叔惠身上来了。翠芝让他进去坐一会，他说他还有两家人家要去一趟，就告辞走了。（……）从前他嫂嫂替他和翠芝做媒碰了个钉子，他嫂嫂觉得非常对不起她的表妹，“鞋子不做倒落了个样”。事后当然就揭过不提了，翠芝的母亲那方面当然更是讳莫如深，因此他们亲戚间对于这件事都不大知道内情。爱咪说起这桩事情，总是归罪于世钧的怕羞，和翠芝的脾气倔，要不然两人倒是很好的一对。翠芝一度订了婚又悔婚，现在又成了个问题人物了。世钧也许是多心，他觉得人家请起客来，总是有他一定有她。翠芝也有同感。她常到爱咪那里去打网球，爱咪就常常找世钧去凑一脚。（Chang, 2012, pp.228-

A conversa acima transcrita aconteceu depois que o pai de Shijun faleceu, ele voltou para Nanquim para se preparar para o funeral, encontrou Cuizhi e conversou com ela. Nesta época, Manzhen já havia sido presa por sua irmã, e ele perdeu contacto com Manzhen, pensando que ela havia se casado com outra pessoa. Cuizhi, que não recebeu a resposta do Shuhui, também estava com o coração partido. Por causa das opiniões das outras pessoas, Cuizhi perguntou-se se era certo arrependê-lo do seu casamento por Shuhui. Foi também a partir desta época que os dois muitas vezes ficaram juntos, o que os levou a casarem sob o arranjo das duas famílias, no final. Depois que se casaram, descobriram que não se amavam, e Cuizhi, que já havia se arrependido uma vez, não teve mais coragem de fazer algo que fosse criticado novamente. Podemos ver isso na descrição da noite do casamento deles:

Daí a pouco, eles ficaram sem coisas para dizer. “Parece que já está cansado?” Shijun perguntou a Cuizhi. “Estou bem.” “Ainda não estou com vontade de dormir – falar tão tarde assim deve ter-me acordado. Gostaria de me sentar um pouco e ler. Porque não vai para a cama?” “Vou daqui a pouco.”

Shijun pegou num livro e começou a ler. Cuizhi continuou penteando o cabelo. Ela tirou as joias, guardando-as nas gavetas. Quando Shijun viu os seus movimentos lentos, ele pensou que ela poderia estar a se sentir tímida em se despir e ir para a cama, com ele sentado lá. “A luz te mantém acordado?” ele perguntou. “Um pouco.” “Eu também não consigo dormir com a luz acesa.” Levantou-se e apagou a luz principal, depois acendeu uma pequena lâmpada de mesa para poder ler. O quarto estava agora na maior parte na escuridão.

Alguns minutos depois, ele olhou e viu que ela ainda não tinha ido para a cama. Estava cortando as unhas, à luz das velas. Já era muito tarde, e uma das velas já havia se apagado. Má sorte, de acordo com a superstição popular. Shijun notou isso, e embora ele tenha adivinhado que Cuizhi não acreditou nisso, ele ainda disse: “Ah, a vela está apagada. Não vai dormir?” Após um momento de silêncio, Cuizhi respondeu: “Vou em breve”. Shijun ouviu a sua voz um pouco estranha, e adivinhou que ela estava a chorar. Foi por causa da sua indiferença? Certamente não foi porque uma vela se apagou, foi?

Ele virou-se para dar uma boa olhada nela, mas nesse momento ela estava a usar o cortador de unhas para aparar o pavio da vela restante. A chama brilhante da vela vermelha cintilou, o quarto ficou escuro um momento - então o pavio aparado se acendeu e a luz brilhou em seu rosto, agora muito pacífico. Mas Shijun sabia que ela estava a chorar, apenas um momento antes.

Ele atravessou o quarto e parou ao lado dela. "Qual é o problema?" ele perguntou gentilmente. "Por que tão triste de novo?" Ela lhe deu um empurrão impaciente. Então, de repente, agarrando as roupas dele com força, ela começou a chorar. "Shijun—" As palavras saíram entre soluços. "Não gosta de mim também. Não se importa comigo. Sei disso há muito tempo, mas depois de todos esses problemas no meu passado, não pude dizer nada. O que as pessoas pensariam se eu tivesse outro noivado rompido? E agora é tarde demais... é tarde demais, não é?" Realmente era tarde demais. A mesma coisa estava na mente de Shijun também, mas ela disse em voz alta. Ele admirava-a por ter a coragem de dizer isso, mas que bem poderia vir disso? Tudo o que ele podia fazer era tentar confortá-la. "Essa não é a maneira de olhar para isso", ele murmurou. "Aconteça o que acontecer, eu sempre estarei... Oh, por favor, não se preocupe, Cuizhi. Não faça isso. Por favor, pare de chorar... Oh, Cuizhi". Ele tentou encher os ouvidos dela com uma conversa consoladora, mas no seu coração estava igualmente perdido. Eles eram, ele sentiu, como duas crianças que cometeram um erro terrível.¹⁴

¹⁴ Versão original: 谈话的资料渐渐感到缺乏，世钧便笑道：“你今天一定累了吧？”翠芝道：“我倒还好。”世钧道：“我一点也不困，大概话说多了，反而提起神来了。我倒想再坐一会，看看书，你先睡吧。”翠芝道：“好。”世钧拿着一本画报在那儿看。翠芝继续刷头发。刷完头发，又把首饰一样样脱下来收在梳妆台抽屉里。世钧见她尽管慢吞吞的，心里想她也许觉得当着人就解衣上床有许多不便，就笑道：“开着灯你恐怕睡不着吧？”翠芝笑道：“暖。”世钧道：“我也有这个习惯的。”他立起来把灯关了，他另外开了一盏台灯看书，房间里立刻暗了下来。半晌，他别过头去一看，她还没睡，却在烛光下剪指甲。时候真的不早了，两只蜡烛已经有一只先点完了。要照迷信的说法，这是很不好的预兆，虽然翠芝不见得会相信这些，但是世钧还是留了个神，只笑着说了一声：“呦，蜡烛倒已经点完了，你还不睡？”翠芝隔了一会方才答道：“我就要睡了。”世钧听她的声音有点哑，就想着她别是又哭了，因为他冷淡了她？总不会是因为有一只蜡烛先点完？他向她注意地看了看，但是就在这时候，她刚巧用她剪指甲的那把剪刀去剪烛花，一剪，红烛的光焰就往下挫，顿时眼前一黑，等到剪好了，烛光又亮了起来，照在她脸上，她的脸色已经是很平静的。但是世钧知道她刚才一定是哭了。他走到她跟前，微笑道：“为什么又不高兴了？”一遍一遍问着。她先是厌烦地推开了他。然后她突然拉住他的衣服呜咽起来，冲口而出地说：“世钧，怎么办，你也不喜欢我。我想过多少回了，要不是从前已经闹过一次——待会人家说，怎么老是退婚，成什么话？现在来不及了吧，你说是不是来不及了？”当然来不及了。她说的话也正是他心里所想的，他佩服她有这勇气说出来，但是这种话说出来又有什么好处？他惟有喃喃地安慰着她：“你不要这样想。不管你怎么样，反正我对你总是……翠芝，真的，你放心。你不要这样。你不要哭。……喂，翠芝。”他在

A avaliação de Shijun do casamento deles era “como um erro feito por duas crianças”. Mas depois que esse erro foi cometido, não há solução para recomeçar. Felizmente, ao contrário do marido de Dora, Shijun era um homem capaz e responsável. Embora não amasse Cuizhi, deu-lhe uma boa vida e cuidou dela muito bem. Com o passar do tempo, o arrependimento de Cuizhi gradualmente desapareceu, até que Shuhui voltou do exterior, a cicatriz no seu coração parecia ter surgido novamente. Quando Shuhui voltou, ela estava ocupada, arrumando a casa inteira, preparando as refeições e escolhendo as suas próprias roupas. Shijun não sabia que ela fazia isso por causa do seu amor por Shuhui, e ele não se importou, porque ele havia encontrado Manzhen novamente, e a sua mente estava cheia de coisas sobre Manzhen. Na noite em que Shuhui veio visitar a casa deles, Cuizhi finalmente encontrou a pessoa em quem estava a pensar, ela e Shuhui conversaram muito e, ao mesmo tempo, Shijun também estava com Manzhen. Se a vida de Dora era composta de mentiras e traições, a vida de Cuizhi era mais cheia de arrependimentos e saudades. Portanto, ela só podia sentir “uma mágoa de solitário triunfo e satisfação triste”¹⁵ no final, porque embora Shuhui no momento já se arrependesse de não se casar com ela, não havia mais nenhuma possibilidade entre eles.

她耳边喃喃地说着安慰她的话，其实他自己心里也和她一样的茫茫无主。他觉得他们像两个闯了祸的小孩。
(Chang, 2012, pp.237-238).

¹⁵ Versão original: 在一片笑声中，翠芝却感到一丝凄凉的胜利与满足。(Chang, 2012, p.335)

3. As razões da tragédia das mulheres nos dois livros e as condições das mulheres da China e de Portugal na época

Desde os tempos antigos até ao presente, o estatuto das mulheres chinesas e ocidentais é baseado nas desvantagens e pertence a um grupo desfavorecido. Num contexto cultural centrado no homem, as mulheres tornaram-se um grupo sem o direito de falar. A repressão dos homens sobre mulheres não é apenas uma norma de comportamento, mas também ideologia. Além disso, é claro que, devido a razões diferentes, como, por exemplo, a localização geográfica, os grupos de mulheres desenvolveram-se de maneira diferente na China e no Ocidente. Mas, seja nos tempos antigos, no século XX ou até hoje, as restrições morais às mulheres na China e no Ocidente são muito semelhantes.

Em culturas antigas, as mulheres sempre foram discriminadas tanto na China quanto em Portugal. Exceto em algumas sociedades matrilineares, a maioria dos direitos do clã concentra-se nos homens. Na cultura de alguns países, as mulheres não têm identidade, estatuto e direitos. Especialmente na história chinesa antiga, embora a China antiga tenha uma longa história de clã matrilinear, o respeito às mães sempre fez parte dos valores tradicionais chineses do confucionismo, mas o confucionismo exigiu que as mulheres obedecessem às “quatro virtudes”, o que colocou uma forte algema nas mulheres. Na China antiga, as mulheres eram profundamente envenenadas pela ética feudal. Não apenas deviam obedecer às regras estabelecidas por seus maridos, mas também deviam dividir o marido com outras mulheres. As mulheres sempre foram restringidas a uma posição inferior. No século XX, a consciência das mulheres no mundo começou a despertar, então, naquela época, algumas mulheres mostravam um espírito de resistência e independência, mas as restrições de velhas ideias e conceitos sobre as mulheres ainda eram muito comuns.

Como todos sabemos, a situação de baixo estatuto social das mulheres não estava presente apenas na China. No Ocidente, onde a economia e a tecnologia eram relativamente desenvolvidas, o estatuto das mulheres também foi colocado numa situação embaraçosa e baixa. Na antiga sociedade ocidental, o estatuto das mulheres geralmente reduzia-as a vassallos dos homens, as mulheres eram apenas um meio para eles exibirem a sua riqueza ou sucesso. Na época, a posição das mulheres foi humilhada

pelo catolicismo. A doutrina cristã também provou que a dependência das mulheres em relação aos homens era justificada. A *Bíblia* proclama que Deus aprova a monogamia, mas em *Gênesis*, as mulheres são consideradas víboras malignas, então Eva tem que suportar a dor da gravidez. Aristóteles também acreditava que “O homem, a menos que constituído em algum aspeto contrário à natureza, é por natureza mais perito na liderança do que a fêmea; e o mais velho e completo, mais que o jovem e incompleto.” E “a relação de macho para fêmea é por natureza uma relação de superior a inferior e de governante a governado”. Rousseau disse: “se a mulher é feita para agradar e ser subjugada, ela deve tornar-se agradável ao homem ao invés de provocá-lo”. Pode-se ver que a religião ocidental teve uma grande influência sobre as mulheres, e muitos filósofos as menosprezaram e desprezaram. No século XX, em Portugal, esta posição desfavorecida da mulher ainda existia, elas não tinham o direito de determinar o seu próprio destino. Na época, obedecer aos homens era uma virtude das mulheres.

3.1. A restrição sobre as mulheres numa sociedade fechada e patriarcal

3.1.1. A sociedade patriarcal levava a que as mulheres não tivessem “ego”

No século XX, a sociedade para as mulheres era asfixiante, puritana, convencional e terrível, seja em Portugal ou na China. Na época, toda a sociedade estava cheia de forte dominação masculina, e as mulheres foram inculcadas com os conceitos de "ser esposa" e "ser mãe" para atender às necessidades de estabilidade familiar patriarcal. Isso levou ao facto de que a maioria das mulheres da época tinha que ser cautelosa na vida e no casamento, numa sociedade em que o poder masculino estava acima de tudo, e sucumbiu à dominação masculina. Como resultado, essas mulheres gradualmente se tornaram acessório dos seus maridos e perderam as suas personalidades.

Dora é um exemplo muito típico das mulheres sem autoconsciência. Quando o marido estava vivo, ela obedeceu às palavras dele, desistiu do plano de trabalhar e continuou fazendo as tarefas domésticas em casa. Depois que o marido morreu, ela ainda guardou as memórias do marido, vestida com tanta simplicidade como quando o marido estava vivo, e trabalhou para criar a filha. Abdicou da sua autonomia e realização pessoal, em prol da sua família. Ela tomou o seu amor pelo marido como uma espécie de fé e sustento espiritual, de modo

que depois que o seu marido morreu, ela ainda viveu uma vida puritana, como uma morta-viva. Depois de saber que o seu marido não a amava e a opinião da sua filha sobre ela, a sua consciência pessoal começou a despertar, mas ainda faltava muito. Quando soube que o seu marido não a amava, ela ficou mais triste do que quando ele morreu, e depois descobriu que não odiava ninguém, mas aliviava o seu fardo:

Dora Rosário embrulhara-se numa écharpe porque estava frio, e pensava. Pensava, por exemplo, na razão por que aquilo que a sogra lhe dissera, durante a memorável conversa, não lhe havia causado, no fundo, grande desgosto, fora antes um peso de que se libertara. Como uma pessoa que está com calor na cama e atira para trás um dos cobertores. Primeiro tem uma sensação quase aguda de frio, mas logo a seguir tudo se compõe. Para ela também tudo se havia composto, na medida do possível. Não queria mal a Duarte por ter gostado de outra mulher. No fundo, era possível que ele se aborrecesse na sua companhia. Uma frase de Ana veio-lhe de um dia qualquer, muito longe: “Não creio que fosse disso que ele precisava”. Era possível que tivesse razão e que ela, até por estar sempre de acordo com ele, até quando não concordava com as suas opiniões, o tivesse aborrecido. Fora a si própria que quisera mal, que ainda queria, a si e não a Duarte, a si mulher estúpida, a si e a mais ninguém. Duarte, a mãe dele tinha agido como as pessoas agem. Haviam sido humanos cada um a seu modo. Bons ou maus não interessava. Humanos. Mas ela...

Há pessoas que professam ou que se suicidam, porque alguém, morrendo ou vivendo, lhes faltou. Dora Rosário, porém, não atribuía a ninguém a sua desgraça. Só a si própria. Detestava-se, mas sem a força bastante para procurar o alívio na morte. (Carvalho, 2011, p.90)

Este parágrafo descreve muito bem o despertar da consciência pessoal de Dora, porém, devido a vários motivos, a sua falta de autoconsciência fez com que ela não percebesse que poderia realizar o seu próprio valor pessoal, mas apenas pensava na morte. Assim como Dora, Manlu também era uma mulher que abriu mão da sua própria realização pessoal, em favor da família. Depois de se casar, ela também se tornou completamente cúmplice do marido, e as suas alegrias e tristezas vieram inteiramente do marido.

Após a morte do seu pai, Manlu tornou-se *dancing girl* para sustentar a sua família, e isso foi uma decisão em que ela não teve escolha. Mais tarde, quando a sua irmã mais

nova começou a trabalhar, a situação económica da sua família melhorou e a sua beleza diminuiu, ela finalmente decidiu deixar o trabalho. Devido à influência das ideias tradicionais, "ser esposa" tornou-se o melhor destino para ela aos olhos de todos.

No entanto, como uma mulher que foi prostituta, não foi fácil para ela encontrar um bom homem para se casar na sociedade da época. Sob a pressão de sua avó, sua mãe e todos os outros, ela sabia originalmente que Zhu Hongcai não era uma boa pessoa, mas ainda assim escolheu casar-se com ele. Em grande medida, a escolha do casamento de Manlu foi uma espécie de submissão à ética velha. Ela tentou livrar-se do desdém e desprezo dos outros na forma do casamento, mas inesperadamente foi esse casamento insuportável que enterrou a tragédia da sua vida. Após o casamento, a natureza de Hongcai foi difícil de mudar. Depois de gradualmente se cansar de Manlu, ele saía todos os dias para se divertir com outras mulheres. No pouco tempo que passava em casa, ele também era extremamente indiferente a Manlu, ignorando-a, lutando contra ela e até socando-a. Por causa da ideia de se casar e obedecer ao marido, segundo o velho pensamento “três obediências e quatro virtudes” na sociedade antiga da China, e a persuasão de sua mãe, só conseguia engolir mágoas e satisfazer o mau comportamento sem limites de Hongcai.

O compromisso incondicional de Manlu com Hongcai alimentou os seus maus pensamentos, de modo que ele finalmente apresentou as terríveis condições para possuir Manzhen. E porque Manlu foi influenciada pela consciência do seu marido por muito tempo, ela não hesitou em enviar a sua própria irmã para as garras de Hongcai, de modo que ela acabou mudando de vítima para perpetradora. Ao longo do casamento de Manlu, ela sempre esteve em uma posição de fraqueza, obediência e atenção aos outros. O velho pensamento profundamente enraizado e a sociedade fechada enfraqueceram muito o seu senso de resistência independente e, eventualmente, ela perdeu a sua resistência e tornou-se um “cúmplice” na sociedade patriarcal. Em certo sentido, a tragédia de Manlu era na verdade uma tragédia da sobrevivência das mulheres na sociedade em que o poder masculino estava acima de tudo, e o enfraquecimento do senso de resistência das mulheres era a causa direta dessa tragédia.

3.1.2. A pressão mental e as restrições da liberdade impostas às mulheres numa sociedade fechada

A ética velha da sociedade fechada afetou profundamente a vida das mulheres e impediu a sua independência. Sob a influência dessa ética, Dora não ia trabalhar simplesmente porque o marido não concordava, e tia Júlia sofria muito por causa da gravidez solteira. Na época, era considerado uma vergonha para uma mulher engravidar fora do casamento. Além disso, considerava-se então necessário abafar os sentimentos reprováveis da sociedade; era preciso calar, manter escondidas as coisas consideradas vergonhosas. Quase todos os outros concordaram tacitamente com isso, exceto Manzhen, que lutou contra isso para defender a sua irmã.

Naquela época, mesmo a filha de uma família rica como Cuizhi, que era abastada e tinha uma boa formação familiar e sem pressão da vida, também estava profundamente oprimida pela sociedade. Ela havia concluído o ensino superior, mas só podia ficar em casa todos os dias, esperando o casamento, em vez de sair para trabalhar. Essa restrição à liberdade era, em certo sentido, mais dolorosa do que a de uma mulher de família pobre. A pressão mental e as restrições da liberdade gradualmente fizeram com que a coragem de Cuizhi para o amor desaparecesse. A mãe de Cuizhi menosprezou Shuhui desde o início e pensou que Cuizhi deveria encontrar um outro parceiro mais adequado. Portanto, quando Cuizhi e Shuhui estivessem juntos, a família de Cuizhi enviaria discretamente uma empregada para monitorá-los. Sob a influência do velho conceito de família, Cuizhi casou-se com Shijun em confusão.

Manlu, Manzhen, e a mãe delas também foram presas pela ética velha. Manlu realmente tinha um profundo senso de identidade com o método de “deixar a sua irmã e o seu marido terem um filho” para salvar o seu casamento. Quando a mãe delas soube que Manzhen foi estuprada por seu cunhado, seu primeiro pensamento foi deixar Manzhen se casar com Hongcai para salvar a sua reputação, e depois de aceitar o "apoio financeiro" de Manlu, ela fez vista grossa para a prisão de Manzhen. Na China do século XX, as pessoas valorizavam a "castidade" e a "reputação" da mulher muito mais do que em Portugal. Além disso, a política chinesa naquela época era muito corrupta, e era muito difícil para os pobres derrotar os ricos quando um processo era aberto, porque os funcionários quase todos coletavam dinheiro em particular, o que era muito injusto.

Portanto, porque não tinha dinheiro e porque não queria destruir a reputação da sua irmã e da família, Manzhen não chamou a polícia depois de ser estuprada. Depois de sofrer uma lavagem cerebral pela ética velha da sua mãe e da sua irmã, Manzhen casou-se voluntariamente com Hongcai, o que é na verdade uma manifestação da eliminação do espírito de liberdade e independência das mulheres numa sociedade fechada.

Naquela época, a pressão mental causada pela atmosfera cultural sobre as mulheres também era muito grave. No livro *Ban Sheng Yuan*, a velha Xangai da década de 1940 retratada por Eileen Chang era um produto deformado da colisão e fusão das culturas chinesa e ocidental. A sociedade decadente, os becos barulhentos, as mansões fechadas, os casamentos sem amor e a natureza humana distorcida eram todos verdadeiros reflexos da sociedade daquela época. Em tal ambiente social, as mulheres foram gradualmente diferenciadas em duas partes, mulheres velhas e mulheres novas, devido à dupla influência do pensamento tradicional e da cultura ocidental. Entre elas, as velhas eram representadas pela mãe de Manzhen e Manlu, que preferia dividir um marido com outras mulheres por toda a vida do que desistir de um casamento sem amor, enquanto as novas mulheres são representadas por Manlu, que desejava ter uma vida independente, mas a forte atmosfera cultural destruiu todas as suas esperanças de vida, e finalmente acabou reduzida ao ponto de ser um acessório masculino. Naquela época, era o mesmo em Portugal, enquanto algumas mulheres como Dora seguiam as velhas éticas e obedeciam aos maridos, também havia mulheres como Lisa que tinham algumas ideias e pensamentos novos. No livro *Os Armários Vazios*, a época velha que Maria Judite de Carvalho descreveu também era uma época que entrava num período de abertura e transformação dos costumes. A influência da mudança e nova atmosfera afetou Lisa, mas não completamente, ela ainda acreditou que os homens eram a maneira mais importante de melhorar a vida. Desde a luta inicial dela até ao abandono final, tudo mostrava que devido à influência do ambiente cultural, todas as lutas das mulheres acabaram por ser mortas pela cultura que as nutriu.

Quando Manlu decidiu desistir da sua carreira de *dancing girl*, ela também pensou em encontrar um homem como Zhang Yujin para confiar nele por toda a vida, mas devido à influência da cultura secular, sabia que não poderia encontrá-lo por causa da sua carreira. No entanto, mesmo assim, ela ainda encontrou um homem que ela sentiu ser “confiável” e “sustentável” mesmo sendo pobre. Ela não deixou o seu casamento depender de quaisquer condições materiais, mas buscou a sensação de segurança espiritual. A partir deste nível, a

escolha do casamento de Manlu pode ser considerada uma certa insistência, mas infelizmente a cultura tradicional estava profundamente enraizada e a sua insistência era muito incompleta. Mais tarde, quando se casou com Hongcai, ela insistiu em realizar um casamento formal. Quando ela descobriu que ele já havia sido casado, quis lutar por um estatuto legal para o seu casamento, o que mostrava as suas expectativas. No entanto, de acordo com o conceito tradicional, ser incapaz de ter filhos era uma piedade não filial da mulher, e a sua incapacidade de criar filhos fê-la sofrer uma enorme pressão espiritual e pública. A atmosfera cultural tradicional teve grande impacto no seu espírito, o que a levou a tomar meios desprezíveis e cruéis para destruir a felicidade de Manzhen a fim de ajudar Hongcai a ter um filho e manter o seu casamento. Até certo ponto, o anseio de Manlu por liberdade, autonomia e casamento feliz formava um forte contraste com a auto-humilhação, a autopiedade e o casamento sem amor na vida real, que eventualmente a levou a ser incapaz de suportar a grande pressão do espírito. De um nível profundo, a pressão mental causada pela atmosfera cultural sobre as mulheres era o fator externo que levou à vida distorcida de Manlu.

3.2. Os fatores familiares que levam à tragédia das mulheres e as semelhanças e diferenças entre a China e Portugal das situações das mulheres na família

3.2.1. A influência da família nas mulheres. Falta de expressão emocional da sociedade antiga

A partir do livro *Ban Sheng Yuan*, podemos ver que a família complexa e indiferente foi um dos motivos da tragédia das mulheres. A mãe de Manzhen sentiu que Manzhen e ela eram “pessoas de dois mundos” desde o início, e até pensou na questão do homem que tirou uma foto com Manzhen por um longo tempo e não teve coragem para perguntar; o seu relacionamento com Manlu também era o mesmo, até a notícia de que Manlu ia casar-se com Hongcai foi recebida pela secretária. As mães e as filhas estavam sempre separadas por uma barreira de comunicação. Esse distanciamento também se manifestou em Dora e sua filha. Podemos facilmente descobrir que ela também não tinha muita comunicação com a filha, porque ela só conheceu a opinião da filha sobre si mesma depois de ler seu diário. Essa falta de comunicação manifestava-

se não apenas entre mães e filhas, mas também entre irmãs. Havia uma “timidez instintiva” entre Manzhen e Manlu. Manzhen tinha muitas palavras sobre sua gratidão a Manlu por criá-la, mas não conseguiu dizer isso, o que fez Manlu entender mal que Manzhen a desprezava. O estranhamento entre as irmãs continuou a fermentar sob o silêncio, e acabou levando à tragédia de Manzhen.

3.2.2. A importância do papel do "pai" numa família

Naquela época, devido às restrições de várias etiquetas e conceitos, os pais dificilmente se envolviam na educação das filhas, e as filhas que não tinham pai eram mais propensas a problemas. Como várias mulheres com personalidades distintas nos dois romances, Lisa, Manzhen e Manlu todas perderam os seus pais quando eram jovens e cresceram sem a educação e o sustento paternos. Numa época em que o poder masculino estava acima de tudo, o pai era muito importante para uma família. Essas mulheres que não tinham amor paterno todas tinham algumas falhas em seu caráter.

Em comparação com as outras duas mulheres, o processo de crescimento de Lisa foi suave, mas ela também tinha alguns defeitos de personalidade devido à falta do seu pai. Na sua mente, o seu pai era apenas um homem preguiçoso, pobre e inútil, então quando conheceu Ernesto, ela sentiu que ele era muito diferente e que poderia dar-lhe felicidade, e decidiu casar-se com ele, mesmo sendo ele mais de 20 anos mais velho que ela. Em grande parte, ela pensava que, contanto que se casasse com alguém completamente diferente do seu pai, ela poderia evitar tornar-se como a sua mãe, mas ela não achava que poderia perceber o valor da vida por meio dos seus próprios esforços.

Quanto a Manzhen e Manlu, se não fosse a morte precoce do pai delas e ninguém para sustentar a família, Manlu não precisaria tomar um caminho ruim para sustentar a família, e Manzhen também não tinha uma boa compreensão completa da família e do casamento. Também não havia o pai para protegê-las depois que elas foram violadas. Isso ainda é educativo nos dias de hoje. O pai desempenha um papel indispensável no desenvolvimento de uma criança.

3.2.3. Diferenças no conceito de casamento entre a China e Portugal

No século XX, as opiniões das pessoas sobre a seleção de parceiros, casamento e divórcio eram distantes devido às diferenças culturais entre o Oriente e o Ocidente. Na China daquela época, a consciência de que "o casamento exige a mesma origem familiar" era muito importante na sociedade de classe alta. A maioria dos pais de classe alta não permitia que os seus filhos se casassem com filhos de famílias pobres e de baixo estatuto. Nesse tempo, fosse uma família pobre ou rica, não importava o estatuto social, o casamento dos jovens era decidido pelos pais, e eles não tinham direito de escolha. Quando os pais escolhem um marido ou esposa para seus filhos, eles estavam mais preocupados se as origens familiares das duas pessoas eram comparáveis, e poucos considerariam os sentimentos de seus filhos. Isso levou muitos jovens a não conseguirem casar-se com a pessoa que amavam, assim como a família de Shijun não gostava de Manzhen, achando que seu passado não era bom, e que ela tinha uma irmã que era *dancing girl*, então não era digna de se casar com Shijun. Nesse ambiente, algumas pessoas tinham vergonha de se abrir sobre os seus sentimentos, como Cuizhi, uma filha de família rica que se apaixonou por Shuhui, filho de uma família comum.

No século XX, uma época em que o conceito de classe era tão óbvio, alguns pais esperavam que os seus filhos pudessem mudar de classe através do casamento. Por exemplo, a mãe de Manlu acreditava que a sua filha se tornaria membro da classe alta depois de se casar com uma pessoa rica, para evitar que o casamento da sua filha fracassasse, ela estava até disposta a sacrificar a felicidade de outra filha. Esta era também a fonte da tragédia de muitas mulheres. Elas desejavam casar-se com um homem da classe alta para mudar de classe. No entanto, naquela sociedade, era difícil duas pessoas com origens familiares muito diferentes obterem a felicidade.

Até hoje, na China, o casamento de filhos ainda é uma grande preocupação para os pais. Alguns jovens ainda precisam de se reportar aos pais no período maduro do amor livre e esperar pelo consentimento dos pais. Diferente da situação descrita em *Os Armários Vazios* (Dora apenas ofereceu algumas sugestões e esperanças para a escolha do parceiro de Lisa), do século XX até hoje, o "consentimento dos pais" ainda é uma condição necessária para que os jovens chineses estabeleçam um relacionamento romântico. No entanto, em Portugal, a maioria das famílias é como a de Dora e Lisa,

mesmo que os pais não concordem com o amor e o casamento dos filhos, não vão intervir, mas deixar que os filhos decidam livremente. Isso ocorre em grande parte porque, na cultura tradicional chinesa, as crianças dependem dos seus pais antes de formar uma família, e os pais dependem dos seus filhos para sustentá-los quando forem velhos. Esse tipo de interdependência faz com que os pais mais velhos tragam os assuntos conjugais dos filhos para as suas responsabilidades, e eles subconscientemente negam a capacidade de os filhos resolverem os problemas conjugais de forma independente. Em Portugal, como em muitos países ocidentais, a educação dos filhos passa mais pelo cultivo da independência individual. Da educação familiar à educação escolar, todos se concentram no cultivo do pensamento independente e da capacidade de julgamento independente das crianças. Os ocidentais são mais propensos a formar valores e personalidades independentes nesse tipo de educação, então escolher um companheiro naturalmente se torna uma questão pessoal.

Quanto ao divórcio, em Portugal do século XX, tal como na China, a sociedade não era simpática para as mulheres como a tia Júlia que criava os filhos sozinha, pelo que mesmo que a relação com o marido se rompesse, o divórcio não era uma boa opção para as mulheres com filhos. Mas hoje em Portugal, o divórcio tornou-se uma escolha muito comum, e as pessoas não discriminam uma mulher que cria um filho sozinha após o divórcio. Quando há problemas no casamento, os portugueses pensam mais na manutenção dos direitos pessoais e na busca da felicidade pessoal, pelo que não é difícil optar pelo fim do casamento. Contudo, na China, seja no século XX ou hoje, as pessoas sempre têm uma atitude muito cautelosa em relação ao divórcio. A razão pela qual a maioria dos chineses hesita em se divorciar no caso de um relacionamento rompido entre os dois é "pelo bem dos filhos". No conceito chinês, um propósito importante do casamento é ter filhos. Para os chineses, depois de formar uma família, os dois assumem a responsabilidade um pelo outro e, depois de terem filhos, os pais também assumem a responsabilidade pelos seus filhos.

Desde o século XX até hoje, diante de uma decisão envolvendo direitos e obrigações pessoais, os chineses muitas vezes sacrificaram o seu direito ao amor para garantir o cumprimento das suas obrigações para com a família e os seus filhos. Os chineses geralmente acreditam que as maiores vítimas do divórcio são as crianças. A incapacidade de dar às crianças uma família completa é vista como uma falta de obrigações dos pais para com os seus filhos. Portanto, muitos chineses desistem do divórcio por causa dos filhos. Este conceito social é mais restritivo às mulheres do que aos homens. Se uma mãe com filhos se

divorciar, quase todos pensarão que ela não ama suficientemente os seus filhos.

A diferença mais óbvia entre a China e Portugal é que, para além dos conceitos sociais, as mulheres chinesas pensam que o divórcio por causa própria é irresponsável para os filhos. Então, até hoje, mesmo que algumas mulheres chinesas sejam submetidas à violência doméstica por seus maridos ou sofram algum tratamento injusto nos seus casamentos, a fim de dar aos filhos uma família completa, elas ainda escolherão suportá-la e não se divorciar. Assim como em *Ban Sheng Yuan*, para a criança deixada por sua irmã, embora Hongcai a tratasse muito mal, Manlu não pediu o divórcio e até foi para Manzhen antes de morrer de doença, esperando que Manzhen se casasse com Hongcai pelo bem da criança. Cuizhi também foi um exemplo de sacrifício da própria felicidade pela família e filho. Não era apenas por consideração à família, mas também por suas obrigações para com o filho, embora amasse outra pessoa, ela ainda optou por continuar o casamento em vez de deixar o marido para ser feliz com seu amado Shuhui. Depois de saber que o seu filho estava doente, Manzhen finalmente casou-se com Hongcai, o que também foi um sacrifício das mulheres por causa dos filhos. No entanto, depois de reconhecer que a sua escolha fora errada, Manzhen tentou todo o possível, não se importou mais com as opiniões das outras pessoas e divorciou-se resolutamente de Hongcai e depois criou a criança sozinha. Isso não apenas sublima o tema de todo o romance, mas também mostra o início do despertar da consciência feminina e a formação da emancipação feminina, que ainda tem significado educativo até hoje.

4. Os Armários Vazios, de Maria Judite de Carvalho, e *Ban Sheng Yuan*, de Eileen Chang: valores culturais refletidos na literatura feminina no século XX

4.1 O despertar da consciência feminina

Em todo o mundo, a condição da mulher sempre foi uma preocupação para as pessoas, especialmente para as mulheres. Se o feminismo ocidental começa a partir da Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã¹⁶ publicada em 1791, é muitos anos antes do despertar do feminismo chinês. Portanto, o despertar da consciência feminina em Portugal é geralmente mais antecipado do que na China. Influenciadas pelo feminismo ocidental, o primeiro grupo de mulheres intelectuais modernas que receberam uma boa educação na cultura tradicional e também educação superior moderna apareceu durante o Movimento Quatro de Maio¹⁷ na China.

Maria Judite de Carvalho (1921-1998) nasceu em Lisboa, desde os três meses de idade foi criada e educada por tias paternas, num meio austero e de extrema contenção. Mais tarde, seus parentes morreram um após o outro, e quando ela tinha quinze anos, o seu pai também desapareceu. Durante a sua escolaridade e trabalho, a sociedade portuguesa estava num período de mudança, por um lado toda a sociedade ainda era uma sociedade tradicional, convencional e puritana, por outro lado, alguns costumes abertos e mudanças sociais também entravam em Portugal.

Durante o Movimento de Quatro de Maio, um grande número de culturas ocidentais foi introduzido na China, a igualdade entre homens e mulheres e a libertação das mulheres foram

¹⁶ A Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã (em francês: *Déclaration des droits de la femme et de la citoyenne*) é um texto jurídico produzido em 1791, exigindo o estatuto de completa assimilação jurídica, política e social das mulheres.

¹⁷ O Movimento de Quatro de Maio (chinês: 五四运动) foi um movimento anti-imperialista, cultural e político que cresceu de manifestações estudantis em Pequim, em 4 de maio de 1919. Eles protestavam contra a fraca resposta do governo chinês em relação ao Tratado de Versalhes, especialmente a permissão dada ao Japão para manter territórios em ShanDong que tinham sido devolvidos pela Alemanha após o cerco de QingDao.

as ideias apresentadas por muitas mulheres progressistas para seguir o Ocidente. A mãe de Eileen Chang foi uma das primeiras novas mulheres que escaparam de uma família feudal decadente e estudaram no exterior. No entanto, naquela época, a sua educação era alcançada dentro do escopo permitido pelo patriarcado, contando com a ajuda económica da família. Portanto, a sua luta contra a sociedade patriarcal foi extremamente incompleta, mas, afinal, foi um bom começo para o movimento feminista na China e, ao mesmo tempo, deu um exemplo corajoso a Eileen Chang. Portanto, a consciência feminina de Eileen Chang começou a despertar e os seus trabalhos posteriores também mostraram uma forte consciência feminina.

Do ponto de vista da formação familiar, as famílias de Maria Judite de Carvalho e Eileen Chang eram ambas a epítome da sociedade patriarcal sob diferentes sistemas culturais. O que elas têm em comum é que as suas ideias feministas foram influenciadas pelas suas famílias, elas reconheceram a opressão das mulheres na sociedade patriarcal tradicional e tiveram um senso de resistência. A diferença é que a mãe de Eileen Chang orientou e ajudou a filha com a sua experiência pessoal, tornando-a corajosa para romper com a família feudal, enquanto a família de Maria Judite de Carvalho a fez sentir a urgência de libertar as mulheres do lado negativo.

4.2 O Movimento de Libertação Feminina refletido na literatura feminina

Em Portugal em meados do século XX, a consciência feminina encontrava-se num período altamente desenvolvido após séculos de derivação. Maria Judite de Carvalho, como testemunha do desenvolvimento do movimento feminista ocidental, herdou e desenvolveu em suas obras as tradições da cultura feminina. Em *Os Armários Vazios*, a escritora escreveu que “Antigamente havia mulheres que, quando os maridos morriam, se metiam nas suas casas para todo o sempre. Algumas nem deixavam entrar o sol, talvez porque a sua alegria as chocava”. A maioria dos movimentos feministas realizados nos países ocidentais antes tomavam os direitos sociais masculinos e as formas de linguagem social masculina como objetos de referência, ignorando o questionamento da própria cultura social patriarcal. Por exemplo, a heroína de *Jane Eyre* alcançou a independência económica e deu voz à igualdade entre homens e mulheres. No entanto, não é difícil ver que a sua dependência emocional de Rochester

ainda era o sofrimento das mulheres na sociedade patriarcal. A igualdade que ela buscava era a igualdade dos homens, e pode-se dizer que este não era um movimento de mulheres "consciente". Em contraste, Maria Judite de Carvalho descreveu cuidadosamente os pensamentos aprisionados e as tristes condições das mulheres no contexto da sociedade patriarcal. Ela estava questionando fundamentalmente a sociedade patriarcal e falando pelas mulheres que foram envenenadas por essa sociedade.

Quando o feminismo foi introduzido pela primeira vez na China, era mais dependente das necessidades da revolução, e as mulheres ainda não haviam aparecido como indivíduos independentes e opostos aos homens. Foi somente nas décadas de 1930 e 1940 que as pessoas começaram a ouvir a verdadeira voz das mulheres. Eileen Chang é uma figura representativa desse período. Milhares de anos de domínio feudal na China fizeram com que os homens oprimissem as mulheres tanto física quanto psicologicamente. Então, a maioria dos homens nos romances de Eileen Chang têm certos defeitos físicos ou psicológicos, o que também reflete um tipo de desafio das mulheres ao domínio dos homens. Em *Ban Sheng Yuan*, o marido Zhu Hongcai, que era o símbolo do "patriarca" na sociedade patriarcal feudal da época, mostrou sem reservas em muitas tramas a sua obscenidade para com Manlu. Naquela época, a "autoridade" do marido desarrazoado sobre a sua esposa era uma espécie de poder conferido aos homens pelo patriarcado, que também determinava o destino das mulheres sujeitas a abusos. Para resistir a esse destino, os romances de Eileen Chang são cheios de resistência e zombaria da autoridade social masculina, e as personagens masculinas que ela descreveu são conscientemente incapacitados, o que também reflete o facto que o estatuto e a força física orgulhosa dos homens foram questionados pelas mulheres que foram oprimidas por muito tempo.

No século XX, o campo de batalha do movimento de libertação feminina era principalmente a família, então Maria Judite de Carvalho e Eileen Chang focaram os seus escritos nas questões familiares das mulheres. Em países ocidentais como Portugal, as mulheres eram retratadas como "anjos da casa", sacrificando o "eu" em benefício dos homens, quando na China, "boa esposa e boa mãe" era o papel que as mulheres deveriam desempenhar, e paciência e mansidão eram as virtudes das mulheres. *Ban Sheng Yuan* e *Os Armários Vazios* mostram-nos ambos que, para que as mulheres realmente alcancem o estatuto de igualdade com os homens na sociedade, elas devem primeiro livrar-se da sua dependência e obediência aos homens na família. Por exemplo, Dora propôs sair para

trabalhar, Manzhén ainda queria trabalhar depois do casamento e trabalhou para criar o filho após o divórcio, todos provaram isso.

Desde o início do desenvolvimento do movimento de libertação feminina, a história experimentou várias ondas de pensamento. Seja em Portugal ou na China, o desenvolvimento do movimento de libertação feminina é sempre acompanhado pelo desenvolvimento da literatura feminina, ou pode-se dizer que a história da literatura feminina pode refletir o processo de desenvolvimento do movimento de libertação feminina, que é o epítome da mudança ideológica das mulheres. Incontáveis obras excelentes da literatura feminina contêm a luta das pessoas pela liberdade das mulheres. Como escritoras, Maria Judite de Carvalho e Eileen Chang deram contribuições indelévels para o desenvolvimento do feminismo, com a sua sabedoria e reflexão.

Bibliografia

Bibliografia ativa:

张爱玲. (2012). *半生缘*. 北京十月文艺出版社.

Carvalho, M. J. de (2011). *Os armários vazios*. Lisboa: Ulisseia.

Chang, E. (2014). *Half a Lifelong Romance*. London: Penguin Books.

Bibliografia passiva:

Armários vazios, de Maria Judite de Carvalho - Ler por aí. (n.d.). Retrieved December 3, 2021, from <https://ler-por-ai.blogs.sapo.pt/armarios-vazios-de-maria-judite-de-253922>

Os Armários Vazios, Maria Judite de Carvalho - Lendo e escrevendo. (n.d.). Retrieved December 3, 2021, from <https://almerindaagridoce.blogs.sapo.pt/os-armarios-vazios-5543>

<https://www.portoeditora.pt/autor/maria-judite-de-carvalho/12284>

<http://livro.dglab.gov.pt/sites/DGLB/Portugues/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=9333>

<https://ensina.rtp.pt/artigo/maria-judite-carvalho-e-consciencia-em-movimento/>